



A Psiquiatria de Deus

**Fórmulas Seguras para se conseguir
manter a saúde mental e espiritual**

Charles L. Allen

Revisado e formatado por SusanaCap

Sumário:

<u>PRIMEIRA PARTE: COMO PENSAR EM DEUS</u>	<u>3</u>
SALMO 23.....	3
1 - UMA FÓRMULA PARA O PENSAMENTO	3
2 - O SENHOR É O MEU PASTOR E NADA ME FALTARÁ.....	5
3 - ELE ME FAZ REPOUSAR EM PASTOS VERDEJANTES	7
4 - LEVA-ME PARA JUNTO DAS ÁGUAS DE DESCANSO	9
5 - REFRIGERA-ME A ALMA.....	10
6 - GUIA-ME PELAS VEREDAS DA JUSTIÇA, POR AMOR DE SEU NOME	12
7 - AINDA QUE EU ANDE PELO VALE DA SOMBRA DA MORTE, NÃO TEMEREI MAL NENHUM, PORQUE TU ESTÁS COMIGO	14
8 - A TUA VARA E O TEU CAJADO ME CONSOLAM	16
9 - PREPARAS-ME UMA MESA NA PRESENÇA DOS MEUS ADVERSÁRIOS.....	18
10 - UNGES-ME A CABEÇA COM ÓLEO; O MEU CÁLICE TRANSBORDA	19
11 - BONDADE E MISERICÓRDIA CERTAMENTE ME SEGUIRÃO TODOS OS DIAS DA MINHA VIDA.	21
12 - E HABITAREI NA CASA DO SENHOR PARA TODO O SEMPRE.....	23
13 - ELE CONHECE O PASTOR!	25
<u>SEGUNDA PARTE: AS LEIS DIVINAS PARA A VIDA</u>	<u>26</u>
OS DEZ MANDAMENTOS.....	26
1 - NÃO TERÁS OUTROS DEUSES DIANTE DE MIM.....	27
2 - NÃO FARÁS PARA TI IMAGENS DE ESCULTURA.....	31
3 - NÃO TOMARÁS O NOME DO SENHOR TEU DEUS EM VÃO.....	34
4 - LEMBRA-TE DO DIA DE SÁBADO PARA O SANTIFICAR	37
5 - HONRA A TEU PAI E A TUA MÃE	40
6 - NÃO MATARÁS	44
7 - NÃO ADULTERARÁS	47
8 - NÃO FURTARÁS	51
9 - NÃO DIRÁS FALSO TESTEMUNHO CONTRA O TEU PRÓXIMO	54
10 - NÃO COBIÇARÁS	57
<u>TERCEIRA PARTE: COMO CONVERSAR COM DEUS</u>	<u>61</u>
O PAI NOSSO.....	61
1 - NÃO RECITAR, MAS ORAR.....	61
2 - PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS	63
3 - SANTIFICADO SEJA O TEU NOME.....	68
4 - VENHA O TEU REINO.....	72
5 - FAÇA-SE A TUA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU.....	75
6 - O PÃO NOSSO DE CADA DIA DÁ-NOS HOJE.....	82
7 - PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS ASSIM COMO NÓS TEMOS PERDOADO AOS NOSSOS DEVEDORES	85
8 - E NÃO NOS DEIXES CAIR EM TENTAÇÃO	89

PRIMEIRA PARTE: COMO PENSAR EM DEUS

SALMO 23

*O Senhor é meu pastor: nada me faltará.
Ele me faz repousar em pastos verdejantes.
Leva-me para junto das águas de descanso;
refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da
justiça por amor do seu nome.
Ainda que eu ande pelo vale da sombra da
morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás
comigo: a tua vara e o teu cajado me consolam.
Preparas-me uma mesa na presença dos meus
adversários, unges-me a cabeça com óleo; o meu
cálice transborda.
Bondade e misericórdia certamente me
seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei
na casa do Senhor para todo o sempre.*

1 - UMA FÓRMULA PARA O PENSAMENTO

Recebi há algum tempo a visita de um homem que admiro muitíssimo. Ele começara a trabalhar em certa empresa, muitos anos atrás, exercendo uma função inferior, mas com muita vontade de vencer. Ele era dotado de muitas habilidades, e de uma grande energia, e fez bom uso disso. Hoje, esse homem é o presidente da companhia, e possui tudo que tal cargo representa.

Entretanto, durante a caminhada que o levaria a esta posição, ele não obteve a felicidade pessoal. Tornou-se nervoso, tenso, preocupado,

doentio. Um de seus médicos sugeriu-lhe que procurasse um pastor.

Conversamos sobre remédios que lhe haviam sido receitados e que ele tomara. Depois, peguei uma folha de papel e dei-lhe a minha receita: ler o Salmo 23, cinco vezes por dia, durante uma semana.

Disse-lhe que o tomasse exatamente como eu indicara. Primeiro, deveria lê-lo logo que acordasse de manhã, atentamente, meditando bem nas palavras, e em espírito de oração. Depois, ele o leria após o café, do mesmo modo. Leria após o almoço, e, novamente, após o jantar, e, por fim, antes de se deitar.

Esta leitura não poderia ser rápida, apressada. Ele teria que parar em cada frase, e, deixar a mente embeber-se bem do significado de cada uma.

Assegurei-lhe que dentro de uma semana as coisas mudariam.

Isto pode parecer simples demais, mas, na realidade, não é. O Salmo 23 é um dos mais poderosos trechos de prosa que existem, e opera maravilhas no coração de qualquer um. Eu já indiquei seu estudo para várias pessoas, e todos os que o fizeram, obtiveram bons resultados. Ele pode mudar toda uma vida em sete dias.

Certo homem me disse que não tinha tempo para lê-lo durante o dia, e por isso leria todas as cinco vezes pela manhã. Entretanto, se um médico lhe receitasse um remédio para ser tomado após as refeições, ou de tantas em tantas horas, nem ele nem ninguém, em são raciocínio, tomaria a dose toda de uma vez.

Algumas pessoas me dizem que após dois ou três dias de meditação, elas crêem que já o conhecem bem, e não o lêem mais; passam apenas a meditar nele durante o dia. Isto não resolve. Para se obter bons resultados, o estudo precisa ser feito do modo indicado.

O filósofo Ralph Waldo Emerson disse: “O homem é aquilo em que ele pensa constantemente.” Marco Aurélio afirmou: “A vida do homem é o que seus pensamentos a fazem.” Norman Vincent Peale: “Mude seus pensamentos, e mudará seu mundo.” E a Bíblia ensina: “Porque, como imagina em sua alma, assim ele é” (Pv. 23:7).

O Salmo 23 é uma fórmula pela qual podemos modelar nosso pensamento.

Quando saturamos a mente com as verdades nele encontradas,

adquirimos um novo modo de pensar, uma nova forma de vida. O salmo não é muito longo.

Qualquer um pode memorizá-lo facilmente em pouco tempo. E, realmente, muitas pessoas o sabem de cor. Contudo, o poder deste salmo não está em memorizar as palavras e, sim, em meditar nos pensamentos que ele contém.

O valor deste texto está no fato de que ele representa uma visão positiva da vida, uma visão esperançosa e cheia de fé. Nós cremos ter sido ele escrito por Davi, o mesmo Davi que teve um capítulo negro em seu passado, um capítulo de pecado e de derrota. Entretanto, ele não perdeu tempo se lamentando, ou remoendo o fato.

Aqui, o Rei Davi está animado pelo mesmo espírito que levou o apóstolo Paulo a escrever: “Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que estão adiante de mim, prossigo para o alvo” (Fl. 3:13,14), ou o mesmo espírito que dominava o Senhor quando disse: “Nem eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais” (Jo 8:11).

Leia-o do modo como indico. Dentro de sete dias, você terá um novo e valioso modo de pensar, que estará firmemente arraigado em sua mente, operará mudanças maravilhosas em sua linha de raciocínio e lhe dará uma nova vida.

2 - O SENHOR É O MEU PASTOR E NADA ME FALTARÁ.

Logo após a segunda grande guerra, os exércitos aliados recolheram milhares de crianças desabrigadas e famintas, e as levaram para alojamentos especiais. Ali essas crianças foram alimentadas e tratadas.

Entretanto, à noite, elas não conseguiam dormir bem. Pareciam sempre inquietas e temerosas.

Por fim, um psicólogo descobriu a razão do problema e como solucioná-lo: tratava-se de insegurança. Então, eles decidiram que, quando as crianças fossem dormir, receberiam uma fatia de pão para segurarem. Aquele pedaço de pão não era para ser comido; deviam

apenas segurá-lo. Se demonstrassem desejo de comê-lo, deveriam ganhar outra fatia de pão, mas aquela eles não poderiam comer.

O pedaço de pão produziu resultados miraculosos. As crianças dormiam com a certeza subconsciente de que teriam algo para comer no dia seguinte.

Isto lhes proporcionava um sono tranquilo e calmo.

No Salmo 23, Davi fala da presença deste sentimento de segurança no coração da ovelha, quando diz: “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.” A ovelha sabe, instintivamente, que o pastor tem reservas para sua alimentação do dia seguinte, pois, se tem provisões para hoje, terá para o futuro também. Então, ela se deita tranquilamente, tendo na mão - falando figuradamente - o seu pedaço de pão.

Como vemos, este salmo não começa com uma petição, mas sim com uma declaração simples de um fato: “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará. “Não precisamos suplicar bênçãos a Deus.

Roy Smoth já disse (e outros pensadores cristãos também): “Deus tem as provisões necessárias para atender às nossas necessidades, provisões estas preparadas antes mesmo que tivéssemos necessidade delas.” Antes que começássemos a sentir frio, Deus já havia estocado no subsolo o petróleo, o carvão, e o gás para que pudéssemos nos aquecer. Ele sabia que iríamos sentir fome, e por isso, antes de criar o homem, Deus tornou fértil a terra e colocou a vida dentro de cada semente. “Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçaís”, disse Jesus. (Ver Mateus 6:8)

A maior parte de nossas preocupações é com o dia de amanhã, como aconteceu àquelas mulheres que se encaminhavam para o túmulo de Cristo.

Elas não puderam apreciar as belezas daquele sol matinal e das flores que ladeavam a estrada. Estavam preocupadas com a questão de quem lhes removeria a pedra da porta do sepulcro. Ao chegarem lá, viram que ela já estava removida.

Em outra passagem (Sl 37:25), vemos o comentário de Davi: “Fui moço, e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão.” Pensando bem, nem eu. Você já viu?

Toda espécie de vida vem de Deus. Isto inclui a minha vida também. Deus cuida das aves do céu e da erva do campo. E Jesus nos pede para notarmos que se Deus faz tanto por um simples pássaro e por uma flor silvestre, quanto não fará por nós? (Mt. 6:25,34)

O apóstolo Paulo disse o seguinte: “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus cada uma de vossas necessidades” (Fp. 4:19). Davi expressa a mesma idéia aqui neste verso: “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.” Nesta crença, podemos trabalhar e viver hoje sem nos preocuparmos com o amanhã.

3 - ELE ME FAZ REPOUSAR EM PASTOS VERDEJANTES

Certa manhã, quando eu me preparava para começar outro de meus dias cheios, senti uma dor nas costas. Mencionei o fato para minha esposa, mas certo de que o incômodo era passageiro. Entretanto, ela me fez procurar o médico. Este ordenou minha internação imediata.

Senti-me muito infeliz naquele hospital. Eu não tinha tempo para desperdiçar, não podia ficar na cama. Minha agenda estava repleta de anotações de atividades, mas o médico me dissera que cancelasse todos os compromissos feitos para os próximos trinta dias. Recebi a visita de um querido amigo meu, também pastor, o qual me disse: “Charles, quero lembrar-lhe apenas uma coisa: Ele me faz repousar...”

Muito depois de ele ter encerrado a visita e partido, eu ainda estava ali, deitado, pensando no Salmo 23. Lembrei de como o pastor oriental sai com as ovelhas para o campo às 4:00 da manhã. Enquanto pastam, elas estão sempre em movimento, nunca param.

Por volta de 10:00, o sol já está quente, e as ovelhas começam a sentir calor, ficam cansadas e sedentas. O pastor inteligente sabe que elas não podem beber água nestas condições, com o estomago cheio de relva ainda não totalmente digeridas.

Por isso, ele as leva para um canto fresco e sossegado daquelas pastagens verdejantes, e faz com que se deitem ali. Em repouso, a ovelha não pasta, e começa então a ruminar, sua maneira natural de proceder a

digestão.

Se estudarmos a vida dos grandes homens, veremos que cada um deles, a certa altura de sua existência, retraiu-se um pouco do burburinho da sociedade para se entregar a um período de descanso e meditação. Os grandes poemas da literatura não são escritos em meio ao bulício das ruas movimentadas. As mais belas canções não são produzidas por entre o clamor das multidões. Temos visões de Deus somente quando paramos. O salmista disse: “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus” (Sl 46:10).

Elias não encontrou a Deus nem no tremor de terra, nem no fogo, mas na voz calma e tranqüila. Moisés viu a sarça ardente quando estava sozinho na colina. Saulo de Tarso achava-se numa estrada deserta, em caminho para Damasco, quando teve a visão celestial. Jesus, também, saía, às vezes, para um lugar à parte, para orar.

Talvez parar seja uma das coisas mais difíceis para nós. Nós gostamos de estar trabalhando para o Senhor, de cantar, pregar e ensinar. Estamos dispostos até a uma certa medida de sacrifício. Gostamos de cantar alegremente hinos tais como “Mãos ao trabalho”, “Avante, avante o crentes”, etc.

Raramente nos lembramos de que antes de enviar seus discípulos para conquistar o mundo, Jesus lhes disse que esperassem, em oração, o poder do Espírito Santo.

Às vezes, Deus nos faz adoecer para nos obrigar a olhar para cima. “Ele me faz repousar...” E muitas vezes somos forçados, não por Deus, mas pelas circunstâncias, a ficarmos presos ao leito. Isto pode acabar se tornando uma experiência abençoada. Até mesmo o leito de um inválido pode ser um lugar de bênção, se a pessoa souber transformar em benefício o seu infortúnio.

Tira de nossa alma a tensão e o esforço

E assim nossa vida aperfeiçoada

Fala da beleza de tua paz

Whittier

4 - LEVA-ME PARA JUNTO DAS ÁGUAS DE DESCANSO

As ovelhas, em geral, são muito medrosas. Elas têm medo, principalmente, das fortes correntezas, e com razão. Por causa de sua pesada capa de lã, elas dariam péssimas nadadoras. Seria como se um homem vestido com um pesado sobretudo tentasse nadar. A lã absorveria a água, e o arrastaria para o fundo.

A ovelha sabe, por instinto, que não poderia nadar numa correnteza forte, e por isso não se aproxima de riachos para se abeberar; somente o faz em águas paradas.

O pastor não zomba dos temores da ovelha, e nem tenta forçá-la a fazer o que não quer. Pelo contrário; ele as guia por montanhas e vales à procura de águas tranquilas, para ali saciarem a sede.

Se não encontra um lago tranquilo, enquanto as ovelhas estão descansando, o pastor apanha algumas pedras e faz com elas uma espécie de represa no riacho, e assim, até o menor dos cordeirinhos pode beber sem receio.

Esta petição do Salmo 23 tem um significado maravilhoso para nós. Deus conhece nossas limitações, e não nos condena por nossa fraqueza. Ele não nos força a ir onde não nos sentiríamos seguros e felizes. O Senhor nunca exige de nós um serviço que esteja além de nossas energias e habilidades.

Deus está constantemente atendendo às nossas necessidades. Ele conhece as cargas que estão sobre nossos ombros. Sabe também onde estão localizados os melhores pastos de nutrição e provisão.

É bom saber que, enquanto dormimos, o Pastor está preparando as coisas de que precisaremos no dia seguinte. Isto nos dá um grande senso de segurança.

A Bíblia declara: “Ele não permitirá que teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda. É certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel.” (Sl. 121:3,4)

Um dos melhores meios de se desfazer uma tensão interior é mentalizar o quadro de um lago tranquilo; talvez um pequenino lago,

rodeado de pinheiros. Ou talvez uma nascente calma, descendo uma encosta, ou a superfície lisa de um mar calmo de ondas suaves.

Depois que o quadro está bem delineado em nossa mente, podemos repetir, com fé, o verso: “Leva-me para junto das águas de descanso.” Esta experiência resulta em uma maravilhosa entrega da alma e num forte sentimento de segurança que nos capacitam a enfrentar o “calor do dia” com confiança, sabendo que há para nós um poder revigorante e restaurador, quando nos achamos sob a direção daquele que é mais sábio do que nós.

O grande reformador Martinho Lutero escreveu:

*Castelo forte é nosso Deus
Espada e bom escudo
Com seu poder defende os seus
Em todo transe agudo*

Foi este sentimento de confiança que levou Davi a escrever o Salmo 23. E, à medida que saturamos a mente com a leitura do salmo, nós também adquirimos a mesma confiança.

5 - REFRIGERA-ME A ALMA

Recebi uma carta que, entre outras coisas, no final dizia assim:

*"A vida acabou para mim durante aqueles anos...
através de um processo vagaroso.
Levei muitos anos para construir minha fé, e agora
ela morreu totalmente. Sou como uma casca vazia.
Talvez a própria casca... já tenha se acabado
também."*

Gostaria de falar ao autor desta carta a respeito do significado das palavras de Davi no Salmo 23: “Refrigera-me a alma.” Ele se lembra de quando o rebanho saía a pastar, cada ovelha tinha um lugar determinado na fila, e durante todo o dia ela conservava a mesma posição.

Algumas vezes, porém, no decorrer do dia, elas deixavam seu lugar e se aproximavam do pastor. Este colocava a mão no focinho ou na orelha do animal, coçava-o de leve e sussurrava alguma coisa ao seu ouvido. Depois, reconfortada e mais animada, ela voltava ao seu lugar.

Davi se lembra de como ele próprio estivera perto de Deus antes, de como Deus o protegera quando saíra para enfrentar o gigante Golias, e de como ele o guiara ao longo de sua caminhada para o sucesso. Depois disso, Davi passara a estar sempre muito ocupado, tornara-se mais capaz de cuidar de si mesmo, e não sentia necessidade de uma dependência direta de Deus.

Davi distanciou-se de Deus. Depois pecou e isto o fez infeliz. O peso da culpa tornou-se insuportável. Então arrependeu-se. Deus o ouviu, perdoou e restaurou sua alma. Ele tornou-se um novo homem.

A mente humana é muito semelhante ao corpo. Ela pode sofrer lesões. O arrependimento é uma ferida da alma. e uma ferida profunda, mas limpa, isenta de infecção; uma ferida que cicatriza rapidamente, a não ser que penetre nela algum corpo estranho, coisas como amargura, autopiedade ou ressentimento.

O pecado é outro ferimento.

Quando eu quebro algum dos meus princípios de vida, estou ferindo minha alma; esta é uma ferida infectada, uma ferida que o tempo não cicatriza.

O senso de culpa pode, gradualmente, destruir uma vida e torná-la uma casca vazia, sem conteúdo. E só existe um médico que pode curá-la. O Salmo 51 e a oração confessional de Davi.

Esta frase: “Refrigera-me a alma” pode ter ainda um outro significado. A versão inglesa de Moffat diz o seguinte: “Ele me restaura a vida.” O espírito humano às vezes perde a vivacidade, como se esta fosse uma corda de relógio, que se acaba.

Nós perdemos nosso vigor e incentivo espiritual. Ficamos menos dispostos a lutar contra as dificuldades. Deixamos de atuar como verdadeiros soldados da fé.

A vida consegue roubar a vitalidade das pessoas, como se retira o suco de uma fruta, deixando apenas bagaço. A pessoa fica só com a casca. Não sente mais entusiasmo por nada. O começo de um novo dia

não lhe dá nenhum ânimo ou novo alento.

A Bíblia diz que Deus criou o homem e “lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gn. 2:7). Deus pode querer soprar nova vida naquele que está perdido.

Só Deus pode fazer isto.

Falando a um grupo de médicos em Atlanta, nos Estados Unidos, o Dr. R. B. Robins fez a seguinte declaração: “O divã de um psiquiatra nunca pode tomar o lugar da Igreja na função de resolver os problemas de uma sociedade frustrada.”

“Refrigera-me a alma.”

“Ele me restaura a vida.”

6 - GUIA-ME PELAS VEREDAS DA JUSTIÇA, POR AMOR DE SEU NOME

Há uma inscrição em um monumento da Flórida que diz o seguinte: “Venho aqui para encontrar-me a mim mesmo. É tão fácil a gente se perder no mundo!” Isto é verdade.

Muitas vezes nós chegamos às encruzilhadas da vida e não sabemos que direção seguir. Há muitas decisões a serem tomadas, e, às vezes, é muito difícil chegar-se a uma delas. É então que nos sentimos desorientados, perdidos, e precisamos de orientação. Nesse Salmo 23, Davi diz confiantemente: “Guia-me pelas veredas da justiça” E (por caminhos certos).

Com certeza, Davi está se recordando de seus dias de pastor. Ele sabia que as ovelhas não tinham muito senso de direção. Um cão, um gato ou um cavalo, quando se extraviam, sabem perfeitamente achar o caminho de volta. Eles parecem possuir uma bússola interior. Com a ovelha isto não acontece.

A ovelha não possui boa visão. Não enxerga mais que oito ou dez metros à sua frente. As campinas da Palestina eram cortadas por trilhas estreitas, pelas quais os pastores levavam o rebanho para o pasto.

Algumas destas trilhas terminavam à beira de precipícios, nos quais

a ovelha desavisada poderia cair e morrer. Outras iam dar em becos sem saída. Havia, outras, porém, que levavam a pastos verdejantes e às águas tranqüilas. Algumas vezes, o pastor as guiava através de passagens íngremes e perigosas, mas os caminhos por que passavam sempre iam dar em um bom lugar.

As ovelhas estavam sempre dispostas a deixar a escolha deste lugar aos cuidados do pastor. Era assim, como no cântico:

*Senhor, quero colocar a minha mão na tua,
Sem murmurar, sem reclamar.
Contente estar, qualquer que seja minha sorte
Contanto que seja meu Deus quem me guie.*

Talvez Davi estivesse pensando em seus antepassados, marchando por um deserto sem trilhas certas, em sua caminhada do Egito para a terra prometida. Deus enviou uma coluna de fogo para guiá-los à noite, e uma nuvem, de dia. Foi seguindo-a que os israelitas chegaram à terra pela qual ansiavam.

Para algumas pessoas, essas “veredas da justiça”, às vezes, vão significar dificuldades. Ouvi a história de um rapazinho inglês que resolveu engajar-se no exército britânico, para servir na Índia.

Perguntado sobre a razão desta escolha, ele respondeu: “Soube que no exército indiano eles pagam bem, e a gente trabalha pouco. Depois de algum tempo de serviço, eles aumentam o salário, e diminuem o serviço.

Quando a gente se aposenta, eles pagam bem, para não se fazer nada.”

Embora Deus não nos dê um mar de rosas, neste campo de batalha, nem coloque um tapete em nossa pista de corridas; embora ele não nos prometa uma vida sem lutas, ele nos garante forças para a caminhada e a sua presença constante.

Notemos que o salmo diz: “Guia-me.” Ele não nos empurra por este caminho, ele vai à frente, subindo a mesma ladeira que subimos — o homem não se encontra sozinho. Quando vamos pela vida, dando um passo de cada vez, nós andamos com ele nas “veredas justas”.

O grande sábio Salomão afirmou: “Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas” (Pv. 3:6). Isto é verdade. Todos que, sinceramente, procuram fazer a vontade de Deus, qualquer que seja ela, conhecerão a força de orientação da sabedoria eterna.

Ele o levará à sua terra prometida.

7 - AINDA QUE EU ANDE PELO VALE DA SOMBRA DA MORTE, NÃO TEMEREI MAL NENHUM, PORQUE TU ESTÁS COMIGO

Desejo contar aqui uma ilustração acerca de uma senhora que recebeu a notícia de que seu filho fôra morto. Então ela ficou desesperada.

Fechou-se no quarto e não quis receber ninguém.

Seu pastor foi visitá-la. Sentou-se a beira do leito, mas ela se recusou a dar-lhe atenção. Ele ficou em silêncio durante algum tempo e depois começou a dizer: “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.” E recitou todo o salmo, frase por frase, com voz suave e calma. E aquela mulher o ouviu.

Quando ele chegou a este verso, que tem grande poder reconfortante, ela começou a recitar juntamente com ele; “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo.” Quando terminou, ela sorriu debilmente e disse: “Agora, parece que tudo mudou.”

Henry Beecher disse que o Salmo 23 é o rouxinol do livro de Salmos. O canto do rouxinol nunca é mais belo do que numa noite escura. Para a maioria dos homens, a morte é o fato mais terrível.

Após um culto fúnebre, alguém se aproximou de mim, e disse-me: “O senhor já oficiou muitos destes cultos. Será que isto não se tornou uma rotina para o senhor?” A resposta é não. A gente nunca se acostuma com a morte.

Cada uma é um acontecimento diferente.

Nos a enfeitamos com flores e coroas, e cantamos belos hinos, mas nem mesmo as flores e a música podem transformar uma sepultura num lugar de festa. A morte nos torna temerosos. Nós nos sentimos sozinhos e desamparados.

É certo que a expressão “vale da sombra da morte” não significa apenas morte física. Ela já foi traduzida como “o corredor sombrio”, e compreende todas as experiências duras e terríveis da vida.

Alguém já falou do vale da sombra da morte, um vale que existe na Palestina, e vai de Jerusalém ao mar Morto. É uma trilha estreita e perigosa que corta as montanhas. Sendo um caminho árduo, é muito fácil uma ovelha precipitar-se ribanceira abaixo e morrer.

É uma viagem difícil que ninguém deseja fazer. Contudo as ovelhas não a receiam. Por que? porque sabem que o pastor vai com elas.

E para nós há os momentos sombrios da vida, os quais todos temos que atravessar. A morte é um deles. Desilusões são outros destes momentos. A solidão é outro. E há vários outros ainda.

Já conversei com muitas pessoas que estavam atravessando o “vale das sombras”, e disse-lhes que procurassem um lugar e ficassem a sós com Deus. Disse-lhes que parassem um pouco de lutar; que esquecessem por instantes das circunstâncias adversas da vida; que impedissem a mente de se preocupar com o amanhã, com o ano seguinte, com o futuro.

Pare um pouco. fique quieto, em silêncio, e, mesmo que esteja dentro deste “corredor sombrio”, você sentirá uma presença estranha e maravilhosa, e a sentirá mais fortemente do que antes. Muitas pessoas me contaram que sentiram esta presença — que ouviram o canto do rouxinol — em meio à escuridão.

Onde quer que a trilha da vida me leve, eu não temerei nada, disse Davi. E milhares e milhares de outras pessoas também já se libertaram desse medo. Como? “Tu estás comigo.” Há um grande poder nesta presença.

8 - A TUA VARA E O TEU CAJADO ME

CONSOLAM

Conheci um homem que ficara gravemente ferido em um ciclone. Depois do acidente, ele perdera muito de sua alegria de viver. Não por causa das lesões que sofrera, mas porque estava temeroso de que outro ciclone pudesse se abater sobre ele. Se tal acontecesse, não havia nada que ele pudesse fazer.

Ele se preocupava porque sabia que, se tivesse que enfrentar outro ciclone, ele não tinha meios de se defender. Até que, um dia, seus filhos resolveram construir-lhe um abrigo subterrâneo. Quando ficou pronto, o homem olhou-o, e seu rosto se abriu num sorriso de alegria.

Agora, o ciclone mais terrível poderia vir — agora ele tinha proteção.

Aquilo foi de grande conforto para ele.

No salmo 23 há um verso que diz: “A tua vara e o teu cajado me consolam.” A ovelha é um animal muito vulnerável. Ela não tem meios próprios de defesa. É presa fácil para qualquer animal feroz. Por esta razão, a ovelha é temerosa.

O pastor sempre carrega consigo um bastão pesado e duro, de cerca de sessenta centímetros a um metro de comprimento. Quando Davi escreveu este salmo, provavelmente estava se lembrando da necessidade que ele próprio tivera de usar aquela vara. Em 1 Samuel 17, ele conta a Saul como matara um leão e um urso para proteger seu rebanho.

Além da vara, o pastor tem também um cajado, de quase três metros. A ponta deste cajado é recurvada, formando um gancho. Muitas trilhas da Palestina vão margeando barrancos íngremes. Era muito fácil a ovelha, às vezes, desequilibrar-se e escorregar para o abismo, ficando suspensa apenas por uma saliência estreita.

O pastor então estendia o cajado; encaixava-o no peito da ovelha, e a içava para cima, de volta ao caminho certo. A ovelha sente-se instintivamente protegida pelo cajado e pela vara que o pastor carrega.

E o conforto de saber que o pastor é capaz de solucionar qualquer

emergência que surgir.

Eu tenho seguro sobre meu carro. Espero nunca precisar utilizá-lo, mas sinto-me mais tranqüilo tendo o seguro.

Não aprecio muito a idéia de nosso país ter de empregar verba tão grande na manutenção de seu potencial bélico. Contudo, quando penso na insegurança da situação mundial, esta força bélica do país nos dá certo alívio.

Tenho também algumas necessidades a que eu próprio não posso atender.

Como o apóstolo Paulo, sinto muito conforto em dizer: “Ora, aquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória...” (Ef. 3:20).

O mal parece estar dominando o mundo hoje. Nós todos estamos temerosos, e muitas vezes temos uma forte sensação de desamparo. É então que encontramos grande consolo em pensar no poder de Deus.

É lógico que não penso em Deus com um abrigo subterrâneo ou um seguro contra acidentes. Entretanto, posso dizer como o poeta cristão:

Deus é minha salvação: a quem temerei?

Em trevas, em tentação, ele é a minha luz e o meu socorro

Embora as hostes malignas se acampem ao meu redor

Estou firme na batalha

Nenhum temor pode me abalar, Com Deus à minha direita.

“A tua vara e o teu cajado me consolam” — esta frase dissipa em meu coração toda a ansiedade e o temor do futuro.

9 - PREPARAS-ME UMA MESA NA PRESENÇA DOS MEUS ADVERSÁRIOS

Nossa família morou certa vez numa cidade do interior, e houve ali uma questão acerca da instalação ou não de um salão de bilhar. Meu pai foi um dos que violentamente se opuseram a ele. Lembro-me de que alguém lhe perguntou, em tom de brincadeira, se ele temia ser tentado a jogar bilhar.

Ele respondeu que não, mas que tinha filhos, e que não queria vê-los numa casa de bilhar. Ele poderia também procurar impedir que os filhos freqüentassem o local, mas preferia impedir que o salão fosse instalado.

Esta opinião de meu pai sobre o assunto serve bem para ilustrar o que Davi queria dizer com as palavras: “Preparas-me uma mesa na presença de meus adversários.”

Nas campinas da Terra Santa, havia algumas plantas que, se ingeridas, seriam fatais para as ovelhas. Havia outras ainda que possuíam espinhos, e arranhariam o focinho do animal, provocando ferimentos sérios.

Antes de iniciar o período de pastagem, o pastor saía com um enxadão, e destruía aqueles “inimigos” da ovelha. Mais tarde, ele vinha e amontoava a erva já seca, e a queimava. Depois disso, o pasto estava pronto para receber as ovelhas. Ele se tornava, por assim dizer, uma mesa preparada para elas. Os inimigos tinham sido afastados.

Nós temos que fazer isto constantemente para nossos filhos. Nos horários em que as crianças vão e regressam da escola, há sempre uma oficial da Polícia Feminina parada na esquina da rua. Ela está ali para protegê-las.

Felizmente, a escola que meus filhos freqüentam ainda não enfrentou um caso grave de uso de drogas, mas eu apóio esta atitude das autoridades municipais de manterem a vigilância, a fim de conservarem o estabelecimento livre do problema. Penso o mesmo a respeito da literatura obscena, e de outras coisas que destroem a integridade moral das pessoas. Temos que estar constantemente nos batendo contra nossos inimigos.

Se quiser obter boa colheita, o lavrador tem que fazer mais do que semear o campo. Ele tem que estar sempre limpando a roça das ervas daninhas. Assim também, o Espírito de Deus tem que estar continuamente em luta no interior do homem. Não basta pregarmos o evangelho; temos que destruir o inimigo.

Há pouco tempo meus filhos foram vacinados contra certa enfermidade. Sou grato à ciência médica por esse trabalho de prevenção e destruição dos vírus que causam as moléstias. Tanto os pais, como a ciência, o governo e a sociedade devem preparar as mesas, pela destruição do inimigo, para que a vida humana possa se desenvolver em segurança.

Outra coisa: Jesus expressou a mesma petição de Davi, quando disse: “Não nós deixes cair em tentação”. Nós sabemos muito bem que, na jornada desta vida, encontraremos inúmeros inimigos procurando nos destruir.

Muitas pessoas temem não suportarem as pressões; têm medo de errar e de cair.

Mas o Pastor de nossas almas vai à nossa frente, e nós podemos estar certos de sua proteção e de seu poder. Existe uma “vitória que vence o mundo, a nossa fé” (1 Jo 5:4).

10 - UNGES-ME A CABEÇA COM ÓLEO; O MEU CÁLICE TRANSBORDA

Nunca esquecerei as palavras que o técnico do nosso time de futebol americano na faculdade nos disse no primeiro treino a que compareci. Ele disse que o futebol era um esporte muito violento. e que, se quiséssemos praticá-lo, tínhamos que aceitar o fato de que iríamos sofrer algumas contusões.

Assim também é a vida. Se quisermos vivê-la, temos que esperar alguns fermentos e mágoas. E é assim mesmo. Foi pensando nisto que Davi escreveu: “Unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda.”

Quando as ovelhas estão pastando, às vezes elas cortam o focinho contra alguma pedra aguda escondida na relva. Além disso, pode haver

espinheiros, e elas sofrerem arranhões e ferimentos.

Outras vezes, a subida era íngreme, e o sol estava muito quente, inclemente mesmo. No fim do dia, o rebanho estava muito cansado, sem forças.

Ao chegarem ao aprisco, o pastor se punha à entrada e examinava cada ovelha que passava. Se ela tivesse algum ferimento, ele lhe aplicava um óleo balsâmico que ajudava a cicatrizá-lo, e evitava a infecção. A ovelha ficava boa logo.

Outra peça dos apetrechos do pastor era um vaso de barro que estaria cheio de água. Era um tipo de jarro que conservava a água sempre fresca, pelo processo da evaporação. À medida que cada ovelha se aproximava, ele mergulhava na água uma grande caneca, e a estendia para o animal cheia até a beirada. A ovelha sedenta e cansada sorvia com prazer o líquido restaurador.

Todos nós nos lembramos bem de quando éramos crianças e cortávamos o dedo, ou dávamos uma topada. Logo corríamos para a mamãe, ela nos beijava, e a dor passava. Parecia haver um místico poder curativo no seu amor.

Agora somos adultos, mas ainda nos ferimos. Nosso coração sofre tristezas e mágoas. A consciência às vezes nos dói, como um dente infeccionado. Somos feridos também em nossos sentimentos. O mundo pode nos parecer rude e cruel. Outras vezes ficamos cansados e desanimados. A vida se torna um peso insuportável.

Aqui também vemos o terno Pastor que compreende o sofrimento de seus filhos e está sempre pronto e capaz para nos socorrer nestes tranSES.

Harry Lander, o famoso artista escocês, ficou moralmente arrasado quando perdeu seu filho, mas ele se encontrou com o Pastor.

Certa vez, ele deu um concerto em Chicago perante um auditório lotado.

No fim, ele teve que atender aos insistentes pedidos de bis. Afinal, quando conseguiu silenciar a platéia, ele disse tranquilamente: “Não devem aplaudir a mim e sim ao bom Deus; é ele que põe a música em meu coração.”

Notemos que Davi disse: “Unge-me a cabeça com óleo; meu

cálice transborda. Ele não disse: Unge-nos a cabeça. Ele usou o pronome no singular. Durante todo o dia, o pastor esteve cuidando do rebanho como um todo, mas quando entram no aprisco, ele as examina uma a uma.

Um de meus professores da faculdade nunca conseguia lembrar meu nome. De certa forma, eu também nunca aprendi a gostar dele. Jesus disse: “Ele chama pelos nomes as suas próprias ovelhas” (Jo 10:3). Gosto desta passagem. Faz-me sentir importante.

O salmista disse: “O Senhor... sara os de coração quebrantado... conta o numero das estrelas” (Sl. 147:2,3,4). Todo o poder do universo esta a minha disposição.

11 - BONDADE E MISERICÓRDIA CERTAMENTE ME SEGUIRÃO TODOS OS DIAS DA MINHA VIDA.

No musical “South Pacific”, Mary Martin cantava uma melodia que eu considero maravilhosa. A letra dizia: “sou como um viciado, amarrado a uma droga chamada esperança. Não consigo arrancá-la de meu coração.”

Davi disse exatamente o mesmo, só que com outras palavras: “Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida.” Não se trata aqui da expressão de um desejo. Ele diz certamente... com toda certeza... certeza absoluta.

Davi já era idoso quando escreveu o Salmo 23. ele presenciara muitas tragédias e sofrera grandes decepções, mas também chegara a conhecer Deus melhor — um Deus que conhece as necessidades de seus filhos, e que atende amplamente a estas necessidades; um Deus que nos restaura a vida e nos livra do medo. Apesar das nuvens escuras que surgissem no horizonte, tendo um Deus como ele, o salmista estava certo de que o sol se levantaria no dia seguinte.

Estamos sempre ouvindo relatos sobre a maldade do homem e a destruição final do mundo. Sabemos da existência de bombas que podem destruir várias cidades com uma só detonação. Nós trememos ao

ouvir as horríveis predições do implacável julgamento de Deus.

Entretanto, quando nossa mente se volta para este quadro do Pastor amoroso guiando suas ovelhas, de certo modo, sentimo-nos confiantes em que ele estará conosco, dirigindo-nos pelos vales escuros.

Um dos maiores educadores que já se levantou na América foi o Prof. Endicott Peabody, antigo diretor da escola de Groton. Certo dia, na assembléia dos alunos, ele disse: “Lembrem-se de que a vida nem sempre correrá mansa e calma... A grande verdade que devemos ter em mente é que a tendência da civilização é progredir sempre para o alto”.

Estas palavras ficaram gravadas na mente de um dos rapazes. Aquele estudante, cerca de quarenta anos depois, conseguiu dar um novo alento à sua nação quando disse: “A única coisa que temos a temer é o próprio medo”. Franklin D. Roosevelt será sempre lembrado como um homem que renovou as esperanças de um país em desespero.

Muitas pessoas se julgam a caminho do desastre total. Elas se sentem mal, e deixam a mente ser dominada pela idéia de que estão doentes. Já começam o dia com um sentimento de mau presságio. Contemplam o futuro com apreensão e tremor.

Li de um professor que tem obtido muito sucesso em seu trabalho. Ele pede aos alunos para ficarem em silêncio e imaginarem a mente como um papel em branco ou uma tela cinematográfica.

Então eles projetam naquela tela um quadro mental: uma coisa boa que desejam que aconteça. Depois apagam o quadro da mente. A seguir, projetam-no de novo. O processo é repetido várias vezes até que o quadro se torne bem nítido e definido. Deste modo, ele se fixa no consciente e no subconsciente da pessoa. Por fim, o professor manda que os alunos se empenhem no sentido de tornar o quadro em realidade, mantendo sempre um espírito de oração e fé.

É notável a rapidez e a perfeição com que aquele quadro se reproduz na vida.

Paremos de prognosticar desgraças para nós e nosso mundo. Digamos como o salmista: “Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele” (Sl. 118:24).

Começemos o dia com o coração cheio de esperança. Gravemos em nossa mente este versículo: “Bondade e misericórdia certamente me

seguirão todos os dias da minha vida”, e realmente será assim.

12 - E HABITAREI NA CASA DO SENHOR PARA TODO O SEMPRE

É um espetáculo impressionante observar o movimento do centro da cidade de Atlanta às 5:00 da tarde. As ruas estão sempre cheias de gente e de carros. Todos os ônibus se acham trafegando, e sempre lotados.

O que torna isto emocionante é pensar que todas estas pessoas estão indo para casa.

O escritor John Howard Payne já se encontrava fora de casa havia nove anos. Uma tarde, ele estava à janela, e contemplava as pessoas que passavam, alegres e apressadas, dirigindo-se para casa. De repente, ele se viu dominado por um sentimento de solidão, naquele quarto de pensão, em Paris.

Com um movimento de impaciência, ele se afastou da janela. Tinha que trabalhar. Talvez ele estivesse escrevendo uma peça importante, não sei; mas não tinha tempo para sentimentalismos. Contudo, a atmosfera e a recordação de uma certa cidadezinha de Long Island não o abandonaram.

Ele apanhou um lápis e escreveu uma canção que continha em essência esta mensagem:

*"Ainda que da vida e prazeres de um palácio
possamos partilhar, ainda assim, mesmo que
humilde e simples, nada como o nosso lar."*

Já faz mais de cem anos que isto se deu, mas as palavras desta canção ainda traduzem o mesmo sentimento, tão real para todos nós: “nada como o nosso lar”.

Todavia, quando vejo as pessoas indo para casa, sinto tristeza também.

Sei que alguns não tem lar. Uns andam pelas ruas, procurando um quarto barato para passar a noite; outros vão para a mais cara suíte de um hotel — que, apesar de ser rica, não é o seu lar.

Já trabalhei com inúmeros alcoólatras. Várias mulheres já me disseram como foi que se tornaram viciadas em álcool. Viviam sozinhas em um quarto ou apartamento triste e vazio. Não há prazer nenhum em se viver assim. Muitas pessoas começam a beber por causa de uma situação destas.

Mais triste do que ver uma pessoa sem lar no fim do dia, é encontrar alguém que não está certo de seu relacionamento com Deus, e não tem esperanças de ir ao lar eterno; uma pessoa que, no fim da jornada da vida, só espera um túmulo escuro e o esquecimento total.

Davi encerra o Salmo 23 com um poderoso “crescendo” de fé ao dizer: E habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.

Uma das passagens mais emocionantes do livro O Peregrino, de João Bunyan, é o trecho em que o “Sr. Mente Fraca” fala de sua esperança de chegar ao lar celestial. Ele diz:

Às vezes, recebemos maior alento para a vida, quando fixamos nosso pensamento “naquela terra que fica Além do rio que não tem pontes”. Se não fosse por esta certeza, muitas das experiências por que passamos nesta vida seriam insuportáveis.

Davi não possuía muito do conhecimento bíblico que temos hoje. ele nunca ouviu as palavras: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente.” (Jo 11:25,26)

Foi um conhecimento íntimo de um Deus como o que ele descreve no salmo 23 que lhe deu a certeza de que ao fim de sua vida ele iria para os céus.

13 - ELE CONHECE O PASTOR!

Existe uma historieta - não sei qual a sua origem — de um rapaz e um senhor idoso que se encontravam numa plataforma, diante de um grande auditório.

Estava-se realizando um programa especial. Numa parte dele, os dois tinham de dizer o Salmo 23 de cor. O jovem, que conhecia as técnicas da oratória e do drama, falou o salmo com a eloquência de um grande orador.

“O Senhor é o meu pastor...”

Quando ele terminou, a platéia aplaudiu entusiasticamente, pedindo bis, para ter o prazer de apreciar novamente sua maravilhosa interpretação.

Depois foi a vez do outro. Apoiando-se pesadamente sobre sua bengala, o velhinho encaminhou-se para a frente da plataforma, e com voz fraca e trêmula, repetiu as mesmas palavras: “O Senhor é o meu pastor...”

Quando ele se assentou, os ouvintes permaneceram em profundo silêncio.

Todos pareciam estar em atitude de oração. O jovem se levantou, e disse o seguinte:

“Amigos, quero dar uma explicação. vocês bisaram a minha declamação do salmo, mas ficaram em silêncio depois que meu amigo terminou. Por que?”

Vou lhes dizer: eu conheço bem o salmo, mas ele conhece o Pastor.”

Talvez esta imagem do pastor com o seu rebanho não tenha grande significado para os habitantes das grandes cidades. Entretanto, nunca o povo da terra se pareceu tanto com um bando de ovelhas assustadas, como atualmente. Os governos das nações estão receosos uns dos outros. As pessoas tem receio do governo, de outras pessoas e de si mesmas.

Este salmo de Davi tem sido cantado através dos séculos, atravessando barreiras de raça e língua. Há vinte e cinco mil anos que ele esta sendo entesourado no coração dos homens. E hoje isto acontece mais que nunca.

Qual a razão disso? Não é somente pelo fato de ele ser uma bela peça literária, mas também porque ele ensina que, acima de todas as lutas e temores, acima das fomes e fraquezas da humanidade, há um Pastor.

E um Pastor que conhece suas ovelhas uma por uma, um Pastor que é amplamente capaz de atender a todas as suas necessidades; que guia e protege, e que, ao fim da jornada, lhes abrirá a porta do aprisco, daquela casa “não feita por mãos”.

Quando se achava no Pólo sul, o Almirante Byrd descobriu, de repente, que apesar da quietude ao redor, ele não estava sozinho. Esta sensação fez com que a fé brotasse em seu coração, e, embora estivesse “no lugar mais frio da terra”, ele sentiu o calor de uma presença reconfortante.

O Salmo 23 nos dá este mesmo senso de segurança. É por isso que ele permanece vivo no coração de todas as gentes, qualquer que seja o credo ou raça.

SEGUNDA PARTE: AS LEIS DIVINAS PARA A VIDA

OS DEZ MANDAMENTOS

Então falou Deus todas estas palavras:

Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa de servidão. Não terás outros deuses diante de mim.

Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nós céus, nem embaixo da terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto;

porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.

Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.

Lembra-te do dia de sábado para o santificar. Seis dias trabalharas, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou.

Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.

Não matarás.

Não adulterarás.

Não furtarás.

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do que pertença ao teu próximo.

(Êx. 20:1-17)

1 - NÃO TERÁS OUTROS DEUSES DIANTE DE MIM

Pouco depois de Moisés ter livrado os filhos de Israel da escravidão no Egito, e ao iniciarem eles a viagem em direção à terra

prometida, Deus chamou-o ao seu encontro no monte Sinai. Ele deve ter lhe falado mais ou menos o seguinte: “Moisés, seu povo está a caminho da prosperidade. A terra que eu lhes prometi é rica e produtiva. Ela lhes dará muito mais do que o essencial. Na verdade, é uma terra que mana leite e mel.

Contudo, o povo nunca será feliz, nem se sentirá realizado apenas com a posse de bens materiais. O modo como vivem deve ser mais importante do que as riquezas. Por isso, vou lhe dar dez leis para regerem este viver.

Quero que você as ensine a eles. Se pautarem a existência por elas, prometo que serão grandemente abençoados. Todavia, desejo fazer uma advertência: se violarem estas leis, serão severamente punidos. Mais uma coisa: estas leis servirão para todas as pessoas de todas as épocas.

Nunca serão ultrapassadas, nem abolidas ou modificadas.”

Estas leis — conhecidas como os Dez Mandamentos — estão registradas em Êxodo . Elas constituem mais que um conjunto de regras básicas para a conduta moral e espiritual dos homens. São também requisitos básicos para a paz e a prosperidade tanto do mundo como do indivíduo. A Bíblia afirma: “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus” (Sl. 14:1). Só um tolo se julga sábio e capaz de violar a lei imutável do Deus eterno sem sofrer as conseqüências. Ninguém consegue quebrar impunemente os mandamentos divinos; quando os desobedecemos, só conseguimos prejudicar a nós próprios.

É muito importante observarmos a ordem em que Deus apresentou estas regras de vida. As quatro primeiras tratam do relacionamento do homem com Deus; as outras seis, do relacionamento do homem com seu semelhante.

Antes que o homem possa ter um relacionamento correto com seu próximo, tem que acertar as coisas com Deus. Alguém disse: “Minha religião é a Regra Áurea”, mas a Regra Áurea não pode ser a religião de ninguém, já que ela em si não é um culto. Ela é simplesmente a expressão de uma religião.

Como bem disse H.G.Wells, “Enquanto o homem não encontra Deus, ele começa sem ter um princípio, e luta sem finalidade.”

De um certo modo, este primeiro mandamento é um pouco surpreendente. Nós poderíamos pensar que ele devesse rezar assim:

“Crerás em um Deus.”

Seria uma prescrição abolindo o ateísmo. Mas não existe tal lei. Deus definiu a questão na criação do homem. Ninguém ensina um bebê a ter fome e sede; é a natureza quem faz isto. Entretanto, ensinamos a nossos filhos quais são os elementos adequados para saciarem a fome e a sede.

A crença e a adoração são instintivas no ser humano. Não há uma só passagem bíblica que tenha sido escrita com a finalidade de provar a existência de Deus. O homem foi criado incompleto em si mesmo, e não se sente perfeitamente bem, enquanto não satisfaz esta fome profunda — anseio de sua alma. O perigo aqui está no fato de ele poder perverter este instinto de adoração, e criar para si um deus falso.

Santo Agostinho disse: “Minha alma esta desassossegada, e sempre estará, enquanto não encontrar descanso em ti, ó Deus.” Nenhum ídolo realmente preenche este vazio da alma, mas nós podemos passar a vida toda buscando satisfação num falso objeto de adoração. E são muitos os que agem assim.

A primeira lei de Deus para nossa vida é: “Não terás outros deuses diante de mim.”

Em Vicksburg, no estado de Mississippi, um engenheiro mostrou-me um braço do rio que estava quase seco. Explicou-me que antes o rio passava por ali, mas seu curso fora desviado para um outro canal previamente construído. A correnteza não podia ser detida, mas pode ser desviada.

Dá-se o mesmo com nossa adoração a Deus. Sem um objeto de adoração o homem é incompleto, pois o profundo anelo de sua alma precisa ser satisfeito. Contudo, ele pode afastar-se do verdadeiro Deus, e criar para si uma falsa deidade. Tem havidos povos que adoram o sol, uma estrela, ou até uma montanha. Em alguns países, adora-se uma vaca, um rio ou outros seres inanimados. Geralmente, consideramos estes povos como sendo muito primitivos. No entanto, eles não são muito mais primitivos do que milhares de pessoas que vivem nesta terra civilizada que chamamos de América. Deus disse: “Não terás outros deuses diante de mim”, e nós temos sido achados culpados de transgredir esta lei da vida.

São cinco os principais ídolos que a maioria das pessoas está

colocando antes de Deus: riqueza, prazer, poder, fama e conhecimentos. Embora seja verdade que nem todos nós estejamos dominados pela idéia fixa de enriquecer, o fato é que nunca estamos satisfeitos com o que possuímos.

Talvez esta situação não seja de todo nociva, a não ser que esta insatisfação suplante nosso impulso para Deus e desvie o curso de nossa busca dele. É possível nós ficarmos tão enlevados com nossas posses que esqueçamos as necessidades de nossa alma.

Proporcionalmente, são bem poucos os homens que buscam a fama conscientemente, contudo, é muito comum ouvirmos as criancinhas já dizerem: “Olha como eu pulo alto!” Ou então, “Olha para mim, papai!”

Este desejo de ser notado é inato em nós. Em si, ele não é pernicioso.

Deus nos criou com identidade própria. Nós gostamos de ser conhecidos.

Em minha função de ministro do evangelho tenho encontrado muitas pessoas que viram sua vida destruída, e maltrataram a própria felicidade meramente por não terem recebido toda a atenção que desejavam. Muitos sentem-s insultados ao menor descaso que possam sofrer.

Neste país (o autor refere-se aos EUA), gasta-se mais dinheiro em cosméticos, por exemplo, do que na propagação do reino de Deus. Não é errado querer o melhor para nós; o erro está em nosso supremo objetivo — nosso ídolo — estar em nos colocarmos em primeiro lugar.

Todos queremos ser felizes, mas erramos ao pensar que o prazer é o caminho mais certo para a felicidade. Os prazeres só nós ajudam a esquecer as rotinas da vida, mas não satisfazem a alma. O prazer é como uma droga: precisamos sempre ir aumentando a dose, gradativamente, para obter mais emoções, mais comoções, mais sensação, até que por fim nos encontramos perambulando por entre túmulos de nossas paixões mortas. É como fazer do tira-gosto a refeição principal. Uma das maiores tentações com que nos defrontamos é a de colocar os prazeres antes de Deus.

O poder em si não é um mal, nem o são os conhecimentos. O trabalho que a energia elétrica realiza para cada um de nós equivale ao de

cento e cinquenta escravos. Além disso, ela é uma grande bênção para todos. Se adorarmos o poder, nos transformaremos todos em pequenos Hitlers. O conhecimento em si também não é maléfico, mas a adoração do conhecimento destrói a obediência, assim como adorar o poder destrói o caráter.

Adorar a Deus nos leva a nos assemelharmos a ele e a nos ajustarmos à sua vontade. Portanto, se não colocarmos os ídolos adiante de Deus passamos a ter um viver reto.

2 - NÃO FARÁS PARA TI IMAGENS DE ESCULTURA

O segundo mandamento de Deus é: “Não farás para ti imagens de escultura.” Este é um mandamento que não afeta a maioria das pessoas.

Entretanto a Bíblia fala mais dele do que de qualquer outro. Os homens primitivos achavam difícil entender um Deus que não viam, e por isso criaram expedientes para auxiliar sua imaginação e dar mais realidade ao seu momento de culto. Isto em si, não é errado. Ouvi falar de um certo homem que orava diante de uma cadeira vazia. Ele imaginava Deus assentado naquela cadeira e aquilo tornava sua oração mais real.

Tenho vários exemplares da Bíblia em minha escrivaninha. Utilizo-os para estudo e meditação, mas mesmo que nunca os abrisse, ainda seriam de grande valor para mim. Basta-me vê-los ali, para pensar em Deus. Está claro que é possível adorar-se ao Senhor em qualquer lugar, mas é muito mais fácil cultuá-lo num templo. Não é somente pelo lugar, mas também pelo programa de culto. A música e o sermão são de grande valia na adoração.

O perigo está em que é muito fácil adorar o meio em vez do objetivo. A Bíblia, a igreja, os hinos, os pastores e todos os símbolos e recursos visuais utilizados no culto são sacros apenas porque nos conduzem a Deus. O sentimento denominacionalista, por exemplo, pode bem ser uma violação deste mandamento. Eu sou metodista, mas seria crente do mesmo jeito se fosse batista ou presbiteriano ou de qualquer outra denominação, que, como Pedro, diz ao Senhor: “Tu és o Cristo, o

Filho do Deus vivo.”

Mais nocivos do que estes símbolos auxiliares do culto são certas imagens que criamos. Sabemos que Deus “criou... o homem à sua imagem”. (Gn. 1:27), mas é muito difícil viver à altura deste plano. É tão difícil, que a maioria das pessoas vivem bem aquém dele. Por isso, em vez de procurarmos ser semelhantes a Deus, tentamos criar um Deus semelhante a nós. É bem mais fácil tornar Deus parecido conosco, do que nos fazermos iguais a ele.

Deus ordena que não pequemos. Todavia, existem algumas coisas que desejamos fazer, não importando se são certas ou erradas. Por isso, criamos um Deus que não se preocupa muito com o que fazemos. Pensamos no Deus do céu azul, das montanhas majestosas, das flores belas, mas ignoramos o Senhor que disse: “Vós me roubais... nos dízimos e nas ofertas” (Ml. 3:8); ou o que disse: “Aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl. 6:7). Alguém já observou que Jesus não foi crucificado por ter dito: “Considerai como crescem os lírios do campo”, mas, sim porque disse: “Vejam como roubam os ladrões!”

É bem mais fácil reduzir Deus às proporções que nos são mais convenientes, do que nos arrependermos de nossos pecados, modificarmos nosso modo de viver e nos tornarmos santos. Quando Horace Bushnell estava na faculdade, considerava-se ateu. Certo dia pareceu-lhe ouvir uma voz que indagava: “Já que você não acredita em Deus, em que crê você?” Ele respondeu: Creio que existe uma diferença entre o certo e o errado.” “Você esta vivendo de acordo com os padrões que considera mais elevados?” perguntou-lhe ainda a voz. “Não”, respondeu ele, “mas vou viver.” E naquele dia, ele resolveu ter um padrão moral de vida que fosse o mais elevado possível. Anos mais tarde, após ter servido como pastor de uma igreja durante 47 anos, ele afirmou: “A pessoa que conheço melhor — melhor que qualquer membro de minha igreja — é Jesus Cristo.” Depois que passara a ajustar sua vida às suas crenças, em vez de procurar adaptar as crenças à sua vida, ele chegou ao conhecimento de Deus.

O próprio processo de pensar exige a criação de quadros ou imagens mentais. Se pensarmos numa maçã, logo veremos uma em nossa imaginação.

Pensando numa determinada pessoa, o seu rosto aparecerá na tela de nossa mente. Quando pensamos em Deus, fazemos uma

representação mental dele. O perigo está no fato de que esta imagem pode não ser a certa, e isto é muito temerário. Nós nos tornamos iguais à imagem divina por nós criada, e se ela não for correta, o produto final será defeituoso. Por isso, a Bíblia contém mais advertências acerca deste segundo mandamento, “não farás para ti imagens de escultura”, do que de qualquer um dos outros nove.

O homem vê características de Deus em várias de suas criações; nas montanhas, a sua majestade; nos mares, sua grandeza; nas flores, sua beleza; em seus santos, sua justiça. Tudo isso, porém, é insuficiente para nos mostrar Deus. Como Filipe, nosso coração clama: “Mostra-nos o Pai, e isso nos basta.” (Jo 14:8-9) A única imagem perfeita de Deus que nós temos é Cristo, e isto nos basta.

Quando visualizamos a Jesus, através das palavras dos evangelhos — Mateus, Marcos, Lucas e João — ficamos impressionados com seus olhos. Os homens que conviveram com ele esqueceram-se de mencionar sua aparência, mas não puderam deixar de falar de seus olhos. “Então, voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro”, e Pedro se quebrou. Houve vezes em que os olhos de Jesus brilharam de alegria. Outras vezes se suavizaram com ternura, e em outras ocasiões se revestiram de uma expressão de censura. Quando eu leio: “Os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor”, eu paro onde estou, e examino meus passos.

Quando pensamos no rosto de Jesus, sentimos que era um rosto alegre. As criancinhas corriam para ele, subiam em seu colo, e o abraçavam pelo pescoço. As pessoas o convidavam para suas festas. Ao vermos Deus através de Cristo, não temos medo dele; pelo contrário, queremos nos aproximar mais do Senhor. Nós o ouvimos dizer: “Nem eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais” (Jo 8:11), e nos envergonhamos de nossos pecados, desejamos nos purificar, e nos dirigimos a ele em confissão, pedindo a purificação de nosso ser. Vejamo-lo quando tomou a “intrépida resolução de ir para Jerusalém” (Lc. 9:51). Embora aquilo fosse significar a morte para ele, não desistiu do grande objetivo de sua vida aqui na terra. Quando o contemplamos, sentimo-nos fortalecidos para tomar a decisão certa. Nós o vemos fazer aquele percurso de 10 quilômetros até Emaus, para dar esperanças a corações desalentados (Lc. 24:13-32), ou então dar uma nova chance aos amigos que o abandonaram (Jo :19-31), e aí sentimos nossa esperança e alento se renovarem.

Que maravilha é contemplar a Deus! Desejando confortar aqueles cristãos que estavam suportando pressões quase intoleráveis, João lhes disse que aqueles que fossem fiéis contemplariam “a sua face” (Ap. 22:4). A promessa de vê-lo compensava qualquer sacrifício.

Após completar sua famosa estátua de Cristo, o escultor Thorwaldsen convidou um amigo para vê-la. Os braços de Cristo estavam abertos, e sua cabeça reclinada sobre o peito. O amigo disse ao artista: “Mas não consigo ver seu rosto.” Ao que ele replicou: “Se quiser vê-lo, terá de ajoelhar-se!” Cristo é a perfeita imagem de Deus. Nunca tenhamos outra.

3 - NÃO TOMARÁS O NOME DO SENHOR TEU DEUS EM VÃO

A terceira lei divina para nossa vida é: Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.” (Êx. 20:7). A primeira lei determina que Deus esteja em primeiro lugar; a segunda, que se tenha a imagem correta dele; a terceira, que se pense nele da maneira correta. Cada pessoa é o que ela pensa. O poeta americano Hawthorne conta a história de um menino de nome Ernest, que gostava de contemplar um imenso rosto de pedra na encosta de uma montanha. A face tinha uma expressão de grande força, bondade e honradez, que fazia vibrar o coração do garoto. Havia uma lenda que dizia que, no futuro, surgiria naquele lugar um homem que se pareceria muito com o rosto de pedra. Durante sua infância, e mesmo depois de adulto, Ernest sempre fitava aquela figura, aguardando o aparecimento do homem que seria semelhante à imagem. Certo dia, quando o povo da localidade estava conversando a respeito da lenda, alguém de repente exclamou: “Olhem! Vejam só! Ernest é o homem que se parece com o grande rosto de pedra!” Era verdade. Ele se tornara na imagem que ocupava seus pensamentos.

Os desejos secretos de nosso coração, mais cedo ou mais tarde, transparecem em nossa fisionomia. Certa vez, alguém queria apresentar determinada pessoa ao presidente Lincoln. “Não quero vê-lo”, disse o presidente. E o amigo protestou: “Mas o senhor nem o conhece.” Ao que Lincoln respondeu: “Não gosto de sua fisionomia. “Ninguém é responsável pela aparência de seu rosto”, disse o outro. “Todo adulto é

responsável pelas suas feições”, insistiu o presidente.

E ele tinha razão. Ele próprio era um exemplo disso. Embora seus traços fossem grosseiros, qualquer um podia ver em seu rosto evidências da simpatia e honestidade que fizeram dele o maior americano de todos os tempos.

Alguns psicólogos já provaram, através de estudos cuidadosos, que os pensamentos de cada pessoa transparecem em seu semblante. Já notei que os casais mais idosos que vivem harmoniosamente, começam a se parecer um com o outro. Por causa da união, das experiências em comum, da identificação de pensamento, eles acabam se assemelhando.

Ralph Waldo Emerson, um dos principais filósofos americanos, disse: “O homem é aquilo em que ele pensa constantemente.” E ele não foi o primeiro a declarar isto, pois Marco Aurélio, o maior pensador da Roma antiga, disse: “Nossa vida é aquilo que nossos pensamentos a tornam.” Antes dele, porém, os sábios da Bíblia diziam: “Porque, como imagina em sua alma, assim ele é.” (Pv. 23:7)

Certo técnico esportivo estava muito preocupado, porque um de seus comandados era um atleta de grande potencial, mas não estava rendendo à altura. Resolveu então ter uma conversa com o rapaz em seu quarto. Quando ali entrou, viu vários quadros com figuras imorais e lascivas.

Realmente, era impossível ele conseguir uma boa performance na praça de esportes, depois de entulhar a mente com obscenidades.

O terceiro mandamento ordena que alimentemos nossa mente com conceitos elevados acerca de Deus, que nos inspirem e nos levem a reverenciá-lo. O apóstolo Paulo nós diz: “Tudo o que é verdadeiro... respeitável... justo... puro... amável... tudo que é de boa fama... seja isso que ocupe o vosso pensamento.” (Fp. 4:8) Estes elementos são atributos divinos.

Pensar em Deus nos edifica, nos eleva, e nos torna mais semelhantes a ele.

Existem pelo menos três modos de profanarmos o nome de Deus.

Primeiro, por nossa linguagem. Nós temos hoje várias manias, mas a mais comum é a mania de praguejar. É impressionante como a linguagem atual está crivada de abusos. Eu gostaria de poder ler muitos

dos romances modernos, mas não o faço porque trazem uma linguagem chula e irreverente, e não desejo que isso ocupe meu pensamento. A palavra diabo, por exemplo, tem sido usada e abusada. Diz-se: “Foi uma correria dos diabos!”, etc. Um certo homem veio visitar-me outro dia, e creio que ele usou a palavra no contexto certo. Disse ele: “Reverendo, estou numa situação dos diabos”; e ele estava. O diabo é de origem ímpia, e não devemos encher nossa mente com ele nem com conceitos a seu respeito, pois isto degrada nossa alma. A palavra “profano” vem do latim profanus; pro significa “diante, perante”, e fanum, “templo”. Um termo profano, portanto, é o que não se usa num templo, o que não deixa de ser uma boa maneira de nortear nossa linguagem.

O segundo modo de tomarmos o nome de Deus em vão é não temê-lo. Nós todos admitimos a existência de Deus, mas nossa fé é simplesmente “da boca para fora”. Jesus disse certa vez: Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica...” (Mt. 7:24). Falar a respeito de Deus e não viver segundo ele, é uma profanação pior do que a prática da linguagem obscena. A fé que não opera uma transformação radical na vida de quem a possui é pura hipocrisia e engano. Como disse Elton Trueblood:

“Uma fé vazia e sem significado pode ser pior que uma total falta de fé.”

Outro modo pelo qual tomamos o nome de Deus em vão é nos recusando a ter comunhão com ele ou receber seu auxílio. Se eu digo que certo homem é meu amigo, mas nunca tenho qualquer contato com ele, nem peço sua ajuda, quando dela necessito, então estou sendo falso ao chamá-lo de “amigo”.

Se eu acredito na capacidade de um certo mecânico, então, quando meu carro apresentar um defeito qualquer, deverei levá-lo para ele. Se acredito na competência de um determinado médico, logicamente recorrerei a ele quando estiver doente. Entretanto, quando Adão e Eva pecaram, fugiram e se esconderam de Deus. Desde então, seus descendentes vem fazendo o mesmo.

A mancha do pecado é uma realidade em nossa vida. Só existe uma pessoa que pode perdoar o pecado e, se nós deixarmos de orar, se fecharmos a Bíblia, se voltarmos as costas ao seu altar, estaremos cometendo a pior profanação possível. Quando eu era garoto, certa vez, vi um caminhão de refrigerantes estacionado numa rua, e aparentemente

não havia ninguém a vigiá-lo. Peguei uma garrafa, enfiei-a no bolso, e sai. Logo que dobrei a esquina, abri-a. Foi então que o motorista surgiu e exigiu pagamento; mas eu não dispunha nem de um centavo. Então ele me disse rispidamente:

“Arranje o dinheiro em trinta minutos, senão eu o ponho na cadeia.”

Corri para casa e contei a meu pai o que fizera. Ele não me censurou, nem me humilhou. A minha falta em si já se encarregara disto. Ele me deu uma moeda de cinco centavos, dizendo: “Vá lá e pague o homem. “ Isto é uma ilustração de como Deus age. Nós erramos, e nossa consciência nos condena a um inferno terrível do qual não podemos escapar. Depois nos lembramos de que “Se confessarmos os nossos pecados ele nos purificará de toda injustiça”. (I Jo 1:9) Então, humildemente, nós nos prostramos diante dele, e recebemos o seu perdão. Passamos então a viver para ele e de acordo com seus preceitos. Tal fé não é vã.

4 - LEMBRA-TE DO DIA DE SÁBADO PARA O SANTIFICAR

Todos estes mandamentos da Lei de Deus são de importância vital.

Todavia, na ocasião em que o Senhor os deu a Moisés, alongou-se mais a respeito deste quarto mandamento que os outros. Empregou apenas duas palavras para proibir o homicídio, mas fez uso de noventa e sete, em nossa versão, para dizer: “Lembra-te do dia de sábado para o santificar.” Em primeiro lugar ele nos incita a nos lembrarmos do dia do

Senhor. Cientificamente falando, ninguém se esquece de nada. Cada pensamento que nos ocorre fica registrado para sempre em nossa mente.

Entretanto, na prática, nós podemos esquecer muitas coisas. Esquecemos nomes e datas; negligenciamos nossas responsabilidades, e nos descuidamos até mesmo de Deus. De algumas coisas nos esquecemos propositadamente, por nos serem desagradáveis. De outras, nos esquecemos porque a mente está voltada para outros assuntos. É o

caso da guarda do dia do Senhor.

Deus disse que o homem precisa santificar um dia da semana. Deixar de fazê-lo resulta em sofrimento para ele.

Deus concedeu esse descanso ao homem, em primeiro lugar, como recompensa pelo seu trabalho. Quem trabalha merece descansar. Quando ignoramos este dom de Deus estamos lesando a nós mesmos.

Em seu livro *East River* (Rio Oriental), Sholem Asch cita as palavras de um velho judeu, Moshe Wolf, com referência ao dia do Senhor. Creio ser este o melhor comentário que conheço sobre a guarda do dia do Senhor. Ele disse: “O homem que trabalha não pelo pão de cada dia, mas para acumular riquezas, é um escravo. Foi por isso que Deus estabeleceu o dia do descanso. Pois pela observância dele sentimos que somos diferentes dos animais de carga, que existem apenas para comer e trabalhar. Somos homens. O escopo do homem é esse dia; não o trabalho em si, mas o descanso que ele recebe como prêmio pelo seu labor. O que ocasionou verdadeiramente a libertação dos judeus do cativeiro do Egito, foi justamente o fato de reverenciarem o dia do descanso dedicado a Deus.

Foi por meio desta prática que eles proclamaram a condição de homens livres.”

Em segundo lugar, Deus nos proporciona um dia de descanso porque todos precisamos refazer nossas energias. Assim como uma pilha elétrica se descarrega e precisa ser recarregada, assim também nós nos desgastamos fisicamente. Gerald Kennedy conta a história de dois grupos de pioneiros americanos que partiram do leste, atravessando as planícies centrais dos Estados Unidos, e se dirigiram para a Califórnia. Um deles era guiado por um homem temente a Deus; outro, por um incrédulo. O primeiro parava todos os domingos para descansar e cultivar ao Senhor. O outro, ansioso demais para chegar ao ouro da Califórnia, não perdia tempo com paradas.

Viajava sem parar, todos os dias. Entretanto, sucedeu um fato notável: o grupo que observava o dia do descanso chegou ao seu destino antes do outro. Já é fato comprovado em nosso próprio país, que trabalha-se mais em seis dias, ou mesmo cinco, do que em sete. Uma pessoa fisicamente exausta é totalmente improdutiva.

Do mesmo modo precisamos recondicionar a alma. Um grupo de

exploradores americanos foi para a África. Naquele continente contrataram alguns guias nativos. No primeiro dia de viagem, eles avançaram rapidamente; o mesmo acontecendo no segundo, no terceiro, e nos dias subseqüentes, até o sexto dia. No sétimo, porém, os guias permaneceram assentados debaixo de uma árvore. “Vamos!” gritaram os exploradores. “Hoje nós não ir”, replicou um dos nativos. “Nós descansar para a alma ficar um dia com o corpo.” Foi por isso que Deus disse: “Lembra-te do dia de sábado.”

Às vezes perdemos tanto tempo discutindo a respeito das coisas que não podemos fazer no domingo, que nos esquecemos das que devemos fazer. Deus nos concedeu este dia para que tenhamos oportunidade de desfrutar algumas das melhores e mais importantes realidades da vida, e não para que nos fosse um dia de proibições.

Um velho mineiro disse certa vez a uma pessoa que o visitava: “Eu deixo as mulas ficarem fora da mina uma vez por semana, para evitar que fiquem cegas.” Aqueles que não se afastam um pouco das suas atividades diárias ficam cegos da alma. O grande filósofo Santayana disse: “Fanático é aquele que perdeu de vista seus objetivos, mas redobra seus esforços para atingi-los.” Grande parte da atividade incessante que testemunhamos hoje é realizada por gente sem alvo e sem propósito. Deus afirma que nós precisamos separar um dia por semana para que possamos preservar nosso objetivo. Ou como disse Carlyle: “O homem que não cultua a Deus regularmente é como um par de óculos por trás do qual não existem olhos.”

Em meu ministério pastoral tenho conhecido muitas pessoas que perderam o controle dos nervos. Tenho visto outros também para quem a vida se tornou algo insuportável. Mas é muito raro, raro mesmo, encontrar uma pessoa que guarde o domingo e freqüente os cultos com regularidade e que seja emocionalmente desequilibrada.

Os americanos tem uma expressão idiomática que diz: “Isso ai levou meu bode.” Esta frase tem origem num fato interessante. Os antigos criadores de cavalos que possuíam animais de raça, os quais eram muito sensíveis e nervosos, costumavam manter sempre um bode nos estábulos, junto com eles. A presença daquele bode calmo e tranqüilo ajudava a conservar os cavalos sossegados. Na véspera do dia das corridas, era comum um criador rival furtar o bode de um concorrente. Assim o cavalo não faria sua melhor performance no dia seguinte.

Nós também, muitas vezes, ficamos nervosos e irritadiços, e perdemos a corrida da vida. O homem precisa reconstituir o seu corpo por meio do repouso e também receber inspiração espiritual. Oliver Wendell Holmes disse certa vez: “Em meu coração há uma plantinha tímida, chamada reverência, que eu cultivo aos domingos.” Será bom que todos nós a cultivemos, pois como diz Dostoievsky: “O homem que não se inclina diante de nada, nunca poderá suportar todo o fardo de si mesmo.” Muitos de nossos temores, preocupações e tensões nervosas seriam evitados se observássemos este quarto mandamento.

Nós somos apressados demais, e corremos mais do que podemos. A Bíblia nos diz: “Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus.” A verdadeira beleza não é agressiva, é tranqüila. Nossas melhores disposições não são barulhentas. Os apelos da divindade ao homem são sempre em uma voz mansa e suave. O retrato que o Novo Testamento nos dá de Cristo é: “Eis que estou à porta, e bato, se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo.” (Ap. 3:) Deus não é importuno. Não invade a vida de ninguém sem ser convidado. Ele é reservado e tem muita cortesia.

Assim como se constroem telescópios para se obter uma visão melhor dos astros, assim também, desde os primórdios da civilização, os homens vem construindo templos e dedicando um dia certo ao culto, a fim de obter uma visão melhor de Deus e dos ideais mais elevados da vida.

“Lembra-te do dia de sábado para o santificar”, disse o Senhor.

5 - HONRA A TEU PAI E A TUA MÃE

Deus nos deu estes dez mandamentos como norma de vida. Os quatro primeiros dizem respeito ao nosso relacionamento com ele. Os cinco últimos falam de nosso relacionamento com outras pessoas. O quinto tem sido chamado de o adorno central da lei divina. “Honra a teu pai e a tua mãe” envolve tanto nosso relacionamento com o Senhor, como com nossos semelhantes. Quando Deus criou os homens, criou também uma certa estrutura para reger sua vida em comum. Primeiro, um homem e uma mulher se unem em matrimônio, depois dessa união

surgem filhos. Os pais se relacionam com os filhos através do amor, cuidados e disciplina, e, de certo modo, eles constituem o primeiro deus que a criança conhece. Do mesmo modo que ela aprende a amar e respeitar seus pais, assim também irá amar e respeitar a Deus.

Os pais também representam a maior influência social na vida da criança.

É no lar que ela adquire as primeiras noções de respeito à personalidade e aos direitos dos outros, e aprende a obedecer às leis que são formuladas para benefício da comunidade. Geralmente, é dentro de casa que a criança aprende a ter respeito pelas autoridades e pela democracia (quando aprende). Portanto, desse relacionamento entre pais e filhos, no lar, depende quase toda a estrutura da civilização.

É verdade que esse relacionamento sofre muitas variações. Primeiro, quando bebê, o filho é carregado. Depois, aprende a caminhar seguro pela mão da mãe. Mais tarde, consegue andar sozinho. Até a idade de dez anos, ele pensa que os pais sabem tudo. Com dezesseis, já não está tão certo disso. Com dezenove, ele crê que já ultrapassou os pais em conhecimentos, e aos vinte e dois, sente-se completamente acima deles.

Aos trinta, entretanto, lembra-se de que os pais tinham razão acerca de muitas coisas, e, aos quarenta, a opinião dele é de que eram quase perfeitos. Geralmente, esta é a seqüência normal do processo.

Quando examino este mandamento de Deus que ordena que honremos nossos pais, vejo três inferências:

1) que os pais devem ser dignos de honra.

Uma senhora levou o filhinho ao zoológico. Naturalmente, o pequenino fazia muitas perguntas sobre cada animal que via. E quando passou por uma jaula onde se viam alguns animais pequenos, ele indagou: “Como é o nome daqueles bichos?” A mãe respondeu que era gato-do-mato. Mas ele continuou: “Por que e que eles são gatos-do-mato?” Nós sabemos a resposta: “Porque os pais deles eram gatos-do-mato.” Geralmente, os filhos revelam o que os pais são, pois a coisa mais natural que eles podem fazer para honrar os pais é viverem de acordo com os princípios deles.

Quando Quentin Roosevelt, filho do presidente dos Estados Unidos, estava servindo seu país na Primeira Grande Guerra, um observador lhe disse:

“Vim aqui especialmente para lhe dizer que milhões de americanos estão satisfeitos pelo modo como os filhos do Presidente Roosevelt estão se portando neste conflito.” Ao que o outro respondeu: “Bem, nós temos que praticar o que papai ensinava. Eu sou filho de Roosevelt. Tenho a obrigação de viver como um Roosevelt.”

O General Douglas MacArthur expressou uma opinião de que eu compartilho, quando disse: “Sou soldado por profissão e sinto-me orgulhoso disto, mas estou ainda mais orgulhoso de ser pai. Minha esperança é que, depois de minha morte, meu filho guarde de mim, não só a imagem de um soldado em batalha, mas a de um pai, no lar, orando com ele: “Pai nosso, que estás no céu.”

Esta é a primeira inferência deste mandamento.

2) “Honra teu pai e tua mãe” diz não somente que os pais devem ser dignos de honra, mas também que os filhos devem ser gratos a eles, amá-los e respeitá-los. Parece-me que basta-nos apenas um pouco de decoro para que nos sintamos inclinados a honrar nossos pais.

Quando eu pastoreava uma pequena igreja no interior, sai certo dia para fazer visitas e vi uma mulher colhendo algodão. Dirigi-me para onde ela se achava e fui conversar com ela. Contou-me que o filho recebera uma oferta de um emprego numa fábrica de móveis, onde teria bom salário, mas ela lhe dissera: “Desde que seu pai morreu, estou trabalhando neste campo para pagar seus estudos. Agora que falta apenas um ano, eu posso muito bem continuar a trabalhar para você terminar o curso.”

As mãos dela eram ásperas e calosas, seu rosto marcado pelo tempo, as costas encurvadas, mas se, ao olhar para ela, seu filho não a considerasse a mulher mais linda do mundo, ele seria totalmente indigno dela. Talvez nossos pais tenham cometido muitos erros, mas eles nos deram a vida, cuidaram de nós quando éramos criancinhas de colo, e nos amaram, e ninguém mais fará isto por nós.

3) Entretanto, este mandamento não se refere apenas aos nossos próprios pais. Ele ensina também que devemos reconhecer nosso débito para com o passado e ser agradecidos aos que nos precederam. Todo domingo, quando subo ao púlpito, sinto-me feliz e orgulhoso de estar ali. Quando olho para a congregação, porém, vejo pessoas que já se encontravam ali há mais tempo: quarenta, cinquenta e até sessenta anos. Esta igreja existe há quase cem anos, sustentada pelo trabalho e cooperação de pessoas dedicadas. Por trás disso há quase dois mil anos de história cristã, “apesar de masmorras, fogo e espada”. E antes disso, houve os profetas da antiguidade, fiéis como Abraão. Tudo que eu tenho em matéria de oportunidade e possibilidades e contribuição de outros maiores que eu.

Portanto, nada do que eu faça equivalerá ao que foi feito em meu benefício.

No dia em que meu pai morreu, passei algum tempo rememorando o passado.

Recordei-me de sua luta para se educar, quando jovem, e de seu enorme esforço para dar aos filhos uma vida melhor que a sua. Lembrei-me das vezes em que eu, garoto ainda, visitava com ele as igrejas do interior, e de como eu me orgulhava de vê-lo pregar. Depois, quando eu próprio me tornei pastor, eu próprio pregava para ele, e ele para mim. Agora, sua voz se calara para sempre. Assim as primeiras dores da separação foram suplantadas pelo pensamento de que, daquele momento em diante, a par do meu próprio ministério, eu arcaria com o dele também. Às vezes, os amigos me dizem que trabalho demais, mas é porque estou convicto de que tenho que fazer o serviço de dois.

Isto acontece a todos nós. Tudo o que temos e somos é recebido de outrem. Nós somos apenas veículos pelo qual a herança recebida dos antepassados e transmitida aos que nos sucedem. E não somente isto — temos o dever de enriquecê-la também. Todos nós somos como investimentos. A única variação na responsabilidade de cada um é que alguns recebem cinco talentos, outros dois e outros um. Se deixarmos de multiplicar os talentos recebidos, sejam eles poucos ou muitos, seremos como o “servo mau e negligente”.

6 - NÃO MATARÁS

Deus criou-nos para vivermos lado a lado com outros, e esse modo de viver exige uma regulamentação adequada. Sem leis para nos orientarmos, seria impossível vivermos em grupo. É como uma rodovia onde vários carros podem trafegar em segurança se obedecerem leis tais como: observar a mão de direção, não ultrapassar sem visibilidade, manter sempre uma velocidade razoável, etc. A não observância destas leis tornaria a estrada um lugar perigoso, e em vez de ser útil ao homem, ela seria instrumento de morte e destruição. Nossa vida pode ser boa ou não.

Depende apenas de observarmos as leis que nos são propostas.

Deus estabeleceu leis para regerem nosso relacionamento com o próximo. A primeira delas diz: “Não matarás.” (Êx. 20:13)

Inicialmente, esta lei se aplica a nós mesmos. Nós não produzimos nossa vida e, assim sendo, não nos é lícito destruí-la. O próprio fato de estarmos vivos traz em si a obrigação de vivermos. A questão do suicídio está sempre sendo levantada. Não há dúvidas de que tal ação é uma violação da lei divina. Agora, quanto ao modo como Deus age com aqueles que desobedecem esta lei, de bom grado, eu deixo para ele, pois não sei qual é, na eternidade, a conseqüência de tal gesto extremo. Deus reservou para si tal julgamento e, naturalmente, ele pesa as circunstâncias que cercam o ato e as condições mentais da pessoa.

Além do suicídio, esta norma proíbe o homicídio. Qualquer pessoa normal e sadia aceita a idéia de que não devemos pegar uma arma e atirar em nós mesmos nem em qualquer outra pessoa. Mas esta lei diz respeito também à observação das regras de higiene e saúde, cuja violação pode causar a morte, ainda que por etapas. Este mandamento nos proíbe de expormos, a nós e a outros, a certos perigos, tais como velocidade excessiva nas estradas, precárias condições de trabalho, habitação inadequada, brincadeiras perigosas, etc.

Também nos é vetada a exposição de nós mesmos ou de outros a riscos morais ou espirituais desnecessários. Se matarmos a fé ou os ideais de uma pessoa, estaremos cometendo uma forma de assassinato. Comentando a respeito de um homem que saltara do alto de um edifício, um velho faxineiro que o conhecera disse acertadamente: “Depois que o homem perde a Deus, não tem mais nada a fazer, senão saltar mesmo.”

O Rei Jotão não freqüentava a igreja, mas sendo de personalidade forte, continuou moralmente justo. Alguns de seus súditos, seguindo seu exemplo, não iam ao templo. O resultado foi que “... o povo continuava na prática do mal”. (II Cr. 27:2) Sentimentos tais como ingratidão, negligência, crueldade e indiferença podem ser instrumentos de morte, lentos mas certos.

Deus proíbe também as emoções humanas de efeito destrutivo: medo, ódio, ciúme, raiva, inveja, preocupação, tristeza excessiva e outras. Para neutralizar estas forças, temos que cultivar sentimentos positivos e vivificantes tais como a fé, a esperança, a alegria, a criatividade e o amor. O amor, por exemplo, é um modo de se dar. O ato de dar através do amor destrói o egoísmo e elimina os desejos injustos, o ciúme e o ódio, e, em consequência, os homicídios que seriam perpetrados pelo ódio.

Este processo é bem complexo e não simples, como pode parecer aqui.

Vamos examinar a tristeza excessiva, por exemplo. É uma forma de autopiedade que brota do egoísmo, o qual é a ausência do amor, “ Não mataras” diz respeito a toda a esfera da existência e das razões de se viver. A lei de Deus nos ordena que reverenciemos a vida humana.

Viver e deixar que os outros vivam expressa apenas uma parte do significado de “Não matarás” . Este mandamento implica realmente em viver e ajudar os outros a viverem. Jesus achou desnecessário proibir-nos de nos tornarmos gangsteres e pistoleiros, mas condenou aqueles que passam de largo por um homem ferido. O pensamento central desta lei é que Deus dá o mesmo valor a todos os homens; um Deus que de um só sangue criou todas as nações; um Deus que é o Pai de todos os homens, os quais são irmãos entre si. A regra básica do viver é que vejamos todas as pessoas sob as perspectivas certas.

Lorado Taft estava ultimando os preparativos para a exposição da estátua de um garoto feita pelo celebre escultor italiano Donatello, e colocava holofotes ao redor dela. Primeiramente, ele os pôs no chão com o fecho de luz dirigido para o rosto do menino. Deu dois passos para trás a fim de examinar o efeito e ficou chocado — o garoto tinha uma expressão de idiotismo. Então ele mudou os refletores de lugar. Experimentou todas as posições possíveis. Por fim, colocou-os no alto, com a luz incidindo sobre o rosto. Depois afastou-se novamente e sorriu satisfeito — o garoto parecia um anjo.

Esta história é muito interessante. Quando olhamos as pessoas meramente do ponto-de-vista terreno, algumas realmente podem parecer idiotas.

Outras parecem inferiores a nós. É muito fácil pensar: “Esta gente é tão sem importância!” Quando, porém, olhamos para qualquer indivíduo à luz da fé crista, isto é, iluminado pelos holofotes divinos, então vemos Deus nele. A vida humana torna-se sagrada para nós, e dizemos: “Não devo matar. Tenho que auxiliar outros a viverem.”

Uma das melhores passagens do livro *Quo Vadis?* é a que focaliza a matança dos cristãos na arena dos leões. Nela, o autor conta a história de Lygia, uma jovem rainha que nos primórdios da era cristã foi capturada e levada para Roma. Juntamente com a moca, foi seu servo Ursus, homem de grande estatura. Ambos eram cristãos e deveriam ser lançados as feras. Chegou o momento de sua morte. No anfiteatro achavam-se milhares de espectadores. O gigantesco Ursus foi levado para o centro. Ele se ajoelhou para orar e permaneceu de joelhos, não tencionando oferecer a mínima resistência. Foi então que um touro bravo se arremeteu arena adentro, em direção a Lygia.

Ao ver sua rainha ameaçada, Ursus agarrou o animal pelo chifres.

Travou-se uma luta feroz: a força bruta do touro contra a força e o coração do gigante. Os pés do homem e as patas do animal estavam a se enterrar na areia. Depois, a cabeça da fera foi-se abaixando lentamente.

Na quietude do estádio, ouviu-se o estalido dos ossos do pescoço do touro se quebrando. Em seguida, Ursus dirigiu-se para sua rainha, libertou-a gentilmente das amarras, e carregou-a dali.

Isto ilustra o lado positivo do viver. Feras bravias tais como o ódio, a avareza, o preconceito, a guerra, a ignorância, a pobreza e as enfermidades nos deixam impassíveis, enquanto não alguém que amamos.

Mas, quando isto acontece, nós lutamos contra elas com todas as nossas forças. quando amamos a todos os nossos semelhantes, então travamos uma batalha de vida ou morte contra estes inimigos da humanidade.

Conheço um homem que, embora já tenha mais de setenta anos, está empenhando grande parte de seu tempo e energias na construção de uma escola. Ele comentou que não poderá conhecer muitas das crianças

que passarão por ela, mas como sabe que elas existirão, quer ajudar a preparar as coisas para elas. Este mesmo homem está muito interessado na conservação dos recursos naturais e em qualquer coisa que possa tornar melhor e mais plena a vida da próxima geração.

Dia, a cuja luz brilhante,

Todo o mal será revelado,

O dia em que a justiça se revestirá de força

E o sofrimento será apagado.

- Frederick L. Hosmer.

7 - NÃO ADULTERARÁS

Quando um pastor tem que discorrer sobre o sétimo mandamento, “Não adulterarás”, precisa usar de muito tato e reverência para que suas palavras de reprovação não se tornem como o farol de Paros, que algumas vezes conduzia à destruição dos barcos aos quais devia indicar o caminho da salvação. Este pecado deve ser discutido o mínimo possível, mas, já que Deus lhe confere certo grau de seriedade ao colocá-lo junto de “Não matarás”, e uma grande parte de nossa sociedade tende a considerar o adultério apenas como uma inofensiva falha moral e não uma violação da lei de Deus, precisamos estar sempre lembrados de que Deus, realmente disse: “Não adulterarás.”

Certo professor de teologia disse a sua classe o seguinte: “Cerca de 50% da miséria humana é causada pela desobediência a este mandamento.”

Esta afirmação parece um pouco exagerada — cinquenta por cento. Os alunos não a aceitaram, mas um deles, Morris Wee, depois de alguns anos de ministério, disse que descobrira que seu mestre tinha razão.

Passe comigo algumas horas no gabinete pastoral de uma igreja central de uma cidade grande qualquer. Ouça minhas palestras telefônicas, leia minha correspondência, converse com aqueles que me procuram pessoalmente. Você também se convencerá de que a declaração daquele professor estava correta.

Desejo propor aqui três questões as quais tentarei também responder. O que é adultério? Por que é errado? O que devem fazer as pessoas que violaram este mandamento?

O adultério é a violação do voto de fidelidade conjugal. Qualquer atividade sexual extra matrimonial é adultério. Jesus vai um pouco além e diz que abrigar lascívia no coração, mesmo que ela não frutifique num ato, equivale a cometer adultério (Mt. 5:27-28). Sei que algumas vezes um pensamento penetra na mente sem que possamos impedir, mas transformar este pensamento em luxúria significa conservá-lo na mente, deleitar-nos secretamente, incorporá-lo à nossa vida.

É errado porque Deus assim o declarou. E o Senhor assim o fez porque é um ato que afeta outros. Qualquer um que tenha um pouco de consciência terá sentimento de culpa, se violar esta lei. Sei de pessoas que cometeram furtos e os justificaram ao ponto de se convencerem de que não tinham feito nada errado. Pode até haver alguém que cometa um homicídio e se sinta, até certo ponto, justificado. Entretanto, nunca encontrei ninguém que desobedeça este mandamento e o justifique.

Aquele que quebra este mandamento fica com a consciência marcada. A reação de todos os homens que transgridem esta lei é a mesma de Davi: “Meu pecado está sempre diante de mim.” (Sl. 51:3)

O adultério é um erro, porque resulta em muitos erros. Uma ferida mental é como uma ferida do corpo. Quando cortamos um dedo, não sentimos logo uma dor muito forte, mas se o corte se infecciona, e o germe entra na corrente sanguínea e circula pelo organismo, poderá ocasionar a morte. O arrependimento é um ferimento espiritual. É um corte profundo terrivelmente doloroso, mas é uma ferida limpa, e, a não ser que seja invadida pela amargura, ressentimento ou autopiedade, ela cicatrizará.

Quando cometemos um erro qualquer, o resultado é uma ferida infecta que não se cicatriza. Ela nos rouba a paz de espírito, incomoda a consciência, causa distorção da mente, arma um conflito interior, enfraquece nossa força de vontade e destrói a alma.

Phillips Brooks disse: “Mantenhamo-nos livres de dissimulações e até mesmo da necessidade de dissimular. É horrível quando se tem que encobrir alguma coisa. Quando temos que evitar olhares, quando para

nós existem assuntos que não podem ser mencionados, então nossa alegria de viver foi perdida.”

O adultério é um mal, principalmente porque ele destrói o casamento.

Estou-me lembrando de uma bela cena da peça “Mrs. Minniver”. O casal em foco havia adquirido recentemente um carro novo, e a esposa comprara um chapéu novo. À noite, quando eles vão-se deitar, nenhum dos dois está com sono, pois se acham embalados na própria felicidade. A Sra. Minniver diz: “Querido, somos as pessoas mais felizes do mundo. “E o marido lhe pergunta: “Por que? Só porque temos um carro novo e um chapéu novo?”

“Não, querido, é porque temos um ao outro.” Não é preciso muita coisa para se ter felicidade no casamento. O dinheiro, os bens que o dinheiro nos proporciona são válidos, mas podemos perfeitamente passar sem eles.

Existem dois elementos essenciais que devem estar presentes no casamento. O primeiro é uma afeição profunda, um grande amor um pelo outro, um sentimento bem diferente do que dedicamos a qualquer outra pessoa. O segundo elemento é uma confiança absoluta. O adultério destrói ambos.

Os índios iroqueses dos Estados Unidos tinham um costume muito interessante, para a celebração de um casamento. Durante a cerimônia nupcial, os noivos ficavam um de frente para o outro, nas duas margens de um regato, e ali uniam as mãos por sobre a corrente das águas. Isto significava que a vida deles deveria fluir sempre unida.

Supondo-se que sabemos de alguém que cometeu adultério, como e que devemos agir? Vamos ao oitavo capítulo do evangelho de João, e vejamos como Jesus agiu para com uma mulher adúltera levada perante ele. Não havia outra coisa a fazer senão apedrejá-la, mas os homens decidiram pedir a opinião de Jesus. A solução que ele teria para aquele ou qualquer outro erro nunca seria o de apedrejamento. Ele odiava o pecado mas nunca deixava de amar o pecador.

Quando eu era criança e residia em Tate, na Georgia, o Sr. Sam Tate contou-me um fato que impressionou bastante. Havia na cidade um bêbado que era conhecido de todo o povoado. Certo dia, encontrando-se com o Sr. Tate pela manhã, o homem disse: “Sam, os moleques me

atiraram pedras ontem a noite.”

“Talvez eles estejam querendo melhorá-lo”, replicou o Sr. Tate.

“Bem”, retrucou o pobre homem, “nunca ouvi dizer que Jesus atirasse pedras numa pessoa para melhorá-la.”

Jesus encontrava-se no meio do grupo, tendo diante de si a mulher culpada. Então ele se inclinou e começou a rabiscar no chão. (que será que ele escreveu?) Depois em voz calma, mas audível, falou: “Aquele que estiver sem pecado, atire a primeira pedra.” E novamente se inclinou e recomeçou a escrever na areia. Ele conhecia muito bem aquele tipo de pessoa presunçosa que estava sempre pronta a acabar de afundar os outros. Eu creio que ele deve ter escrito palavras tais como: mentiroso, ladrão, hipócrita, etc. Então, um a um, aqueles homens, antes tão empenhados em condenar a mulher, deixaram cair as pedras, e, envergonhados, se esgueiraram dali.

Segue-se então uma das mais grandiosas cenas da Bíblia. O imaculado Salvador está frente a frente com a mulher, sozinhos. Nem uma palavra dura da parte de seus lábios. Não lhe dirige nem mesmo um olhar de censura. Ele simplesmente diz, com ternura e amor: “Nem eu te condeno; vai e não peques mais.” Parece-me ver aquela cena mentalmente. A mulher se levanta, colocando-se de pé. Ergue a cabeça, ombros aprumados, porquanto o peso de sua alma já foi retirado. Sente-se envolvida por um novo sentimento de autoconfiança, e pela alegria de receber nova oportunidade.

Diz-nos a tradição que foi ela quem se postou aos pés da cruz, ao lado de Maria, a virgem-mãe, e que ela foi a primeira pessoa a receber a notícia da ressurreição do Senhor e a gloriosa incumbência de contá-la a outros.

Quando Deus anunciou o nascimento de Cristo, enviou anjos do céu. Foi um privilégio negado ao homem. Mas para falar de sua ressurreição, foi o homem mortal o escolhido. qualquer que seja meu pecado, Cristo, e somente Cristo, pode retirar minha culpa e dar-me vida eterna.

8 - NÃO FURTARÁS

O oitavo mandamento divino para a vida, Não furtarás, é o alicerce de nosso sistema econômico, pois reconhece o direito de cada um — um direito dado por Deus — de trabalhar, ganhar e possuir. Tirar de alguém um valor que é seu por direito é contrario aos padrões de Deus. Pela história da criação, sabemos que Deus fez o céu e a terra, o mar e tudo que eles contém. Depois, ele criou o homem e deu-lhe domínio sobre tudo (Gn 1:26). Na realidade, ninguém possui nada. Tudo pertence a Deus, mas, enquanto o homem estiver na terra, ele tem o direito de posse. Negar este direito a qualquer pessoa implica numa violação dos próprios fundamentos da criação.

Desde os primórdios da civilização, a humanidade tem experimentado diversos sistemas econômicos, mas só existe um que realmente dará certo: a livre empresa levada a efeito por homens tementes a Deus. Alguém já disse que os primeiros cristãos tentaram organizar uma forma de propriedade coletiva, mas temos que lembrar que a experiência fracassou, e eles a abandonaram. Paulo escreveria mais tarde: “Se alguém não quer trabalhar, também não coma.” (2 Ts 3:10)

Jesus narrou certa vez a história de um homem que viajava de Jerusalém para Jericó. Foi atacado por salteadores que lhe roubaram tudo e o feriram, deixando-o a beira da estrada. Por ali, transitaram um sacerdote e um levita que apenas o olharam e passaram de largo. Veio um samaritano, porém, e socorreu o homem, e financiou seu tratamento, enquanto ele não pudesse fazê-lo por si mesmo (Lc 10:30-37). Nesta simples história, estão claramente demonstrados três modos de se encarar os bens. Esta interpretação não é minha.

Primeiramente, vemos o pensamento dos ladrões: “O que pertence ao meu próximo, pertence a mim, e vou tomá-lo.” Retrata o roubo agressivo, efetuado pelo ladrão, pelo estelionatário e outros do mesmo tipo. Nesta categoria encontram-se também as pessoas que vivem acima de suas posses.

Contrair uma dívida sem ter a possibilidade de pagá-la devidamente, equivale a roubar.

A negligência e o desperdício de tempo no trabalho também são roubos.

Certa vez, uma jovem doméstica se apresentou a uma igreja solicitando a inclusão de seu nome no rol de membros, mas não sabia dar evidências de sua conversão, e estava para ser dispensada. Por fim, o pastor lhe perguntou: “Será que não há evidência alguma que indique uma mudança de coração?” Ao que ela respondeu: “Há sim; agora eu não varro mais o lixo para debaixo do tapete.”

“Isto basta”, disse ele, “vamos recebê-la na comunhão desta igreja.”

Outra coisa que pode ser roubada, é nossa riqueza interior. O homem não vive só de pão. Quando o escritor americano Mark Twain se casou com Olivia Langdon, esta era uma boa crente. Mas ele era tão avesso à fé, que aos poucos ela abandonou sua devoção religiosa. Mais tarde, quando ela teve que enfrentar uma grande tristeza, o marido lhe disse: “Livy, busque consolo em sua fé.” Ao que ela respondeu: “Não posso. Não tenho mais fé.” E até o dia de sua morte, aquele homem foi perturbado pelo desgosto de ter roubado a ela algo que lhe era tão precioso.

Shakespeare indicou a pior forma de roubo, quando disse: “Aquele que rouba meu bom nome, tira-me algo que não o enriquecerá e que realmente me empobrece.” Antes de passarmos adiante qualquer comentário a respeito de outrem, é bom nos fazermos três perguntas: Isto é verdade? Precisamos realmente contar? Estaremos agindo bem ao fazê-lo?

Portanto, há vários tipos de roubo agressivo.

Segundo, estamos roubando não apenas quando tomamos alguma coisa de outrem, mas também quando retemos o que deveríamos dar ao próximo. O pensamento básico do sacerdote e do levita mencionados na história do bom samaritano é: O que me pertence é meu, e eu o conservarei comigo.”

Algumas pessoas avaliam seu sucesso pela quantidade de bens que conseguem adquirir e preservar. Nesta vida, eu tenho visto muito “homem-caixão”.

Em sua existência só cabe ele e mais ninguém.

Jesus falou a respeito de um homem assim. Ele prosperou bastante e acumulou mais riquezas do que precisava. Que fez então? “Vou derrubar meus celeiros e construir outros maiores”, decidiu ele. “e vou

guardar neles minhas colheitas e meus bens.” Economizar é uma virtude mas uma virtude um tanto perigosa. Cada moeda que ganhamos traz consigo um dever correspondente. Este homem estava tão dominado pela ambição que não enxergou sua oportunidade e deveres. E por causa disso ele perdeu a alma. (Ver Lucas 12:16-21)

O profeta Malaquias levantou uma questão muito importante: “Roubará o homem a Deus?” E ele mesmo responde dizendo que nós o roubamos “em dízimos e ofertas” (Ml 3:8). Há uma lei de Deus, muito clara, que determina que devolvamos a Deus dez por cento de tudo que ele nos permite possuir.

É uma temeridade apresentarmo-nos diante dele para julgamento depois de haver guardado ou usado em nosso benefício algo que era dele.

Terceiro — o Bom Samaritano viu a necessidade de seu irmão, e seu pensamento foi: o que me pertence, pertence a outros, e vou dar a quem precisar. Não podemos nos esquecer de que o direito da empresa privada e da posse de bens não foi conquistado por nós. antes, é um privilégio dado por Deus. Com isso, o Senhor demonstrou sua confiança em nós. Mas ele também exige uma prestação de contas. Nossas habilidades, talentos, oportunidades e recursos naturais não são realmente nossos; são investimentos de Deus em nós. E como qualquer investidor, ele aguarda seus dividendos. suponhamos que eu deposite certa quantia em dinheiro numa companhia de investimentos e os dirigentes da mesma utilizem todo o lucro em seus próprios interesses. Isto seria um roubo. Da mesma forma, Deus pode ser defraudado por nós.

Como é que podemos dar a Deus uma coisa que, por direito, já lhe pertence? Só há um modo: dando-a em serviço para outros. Então o verdadeiro significado de “Não furtarás” é a consagração total tanto de nossos recursos materiais, quanto de nossa vida a ele. O dramaturgo George Bernard Shaw disse certa vez: “Um homem nobre é aquele que dá a vida mais do que recebe dela.”

Certa vez, Jesus foi à casa de um homem chamado Zaqueu. Minutos depois de haver entrado ali, Zaqueu declarou: “Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais.” Após o que Jesus lhe disse: “Hoje houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão.” O roubo exige restituição. Ninguém pode ter Cristo ao mesmo

tempo que auferir lucros desonestos. Tem que haver uma opção por um dos dois. Na maioria das vezes, esta decisão é muito difícil de ser tomada. Uma coisa que pode nos ajudar muito nesta escolha é aquele verso das Escrituras que diz: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mc 8:36)

9 - NÃO DIRÁS FALSO TESTEMUNHO CONTRA O TEU PRÓXIMO

Dos dez mandamentos, o mais fácil de ser violado é o nono: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.” Uma razão para isto é que o que mais fazemos em nossas conversas é falar sobre as outras pessoas. Quem tem a mente avançada fala de idéias; quem a tem num nível mediano fala sobre fatos e os de mente mesquinha falam dos outros. A maioria das pessoas nunca desenvolve muito a mente. Outra razão que nos leva a à maledicência é que ela alimenta nosso orgulho. Parece que, se conseguirmos tirar um pouco da “ glória” de outrem, isso diminui um pouco o deslustre de nossas próprias falhas. Uma pessoa que vive sempre mencionando as faltas dos outros dá demonstrações de possuir complexo de inferioridade. Grande parte das intrigas também é causada pelos ciúmes.

Apesar de tudo isso, quase ninguém se sente culpado em transgredir este mandamento. Já falei com pessoas que me confessaram terem quebrado todos os mandamentos, menos este. Nunca ouvi ninguém reconhecer que haja cometido o pecado da maledicência. Dizemos: “Eu não queria falar mal dele, mas...” e vamos por aí. Assumimos uma presunçosa atitude de justiceiros que julgamos nos dar o direito de condenar o pecado. Nós gostamos de ficar falando dos pecados de outrem, e , ao mesmo tempo, indiretamente, estamos nos gabando de não ter cometido aquele pecado.

Às vezes, a crítica toma uma forma de falsa solicitude. “Não é horrível o modo como o Sr. João bate na mulher? Sinto tanta pena dela.” Ou, às vezes, vem na forma de uma pergunta sutil: “É verdade mesmo que o casal X está às portas da separação?” Este é o método do diabo. Ele não acusou Jó de nada; ele apenas indaga: “Porventura Jó de balde teme a Deus?” A pergunta em si já faz uma insinuação acerca da

sinceridade de Jó.

Outra maneira de alimentarmos a maledicência é ouvi-la. Não é possível haver um ruído a não ser que haja um ouvido para escutá-lo. O som é produzido pelas vibrações do nosso tímpano. Do mesmo jeito, nem uma só palavra de boato poderá ser passada adiante se não houver um ouvido pronto para recebê-la. A lei do país prescreve que o receptor de mercadoria roubada e tão culpado quanto o ladrão. Quem ouve o relato dos erros de outrem, na realidade, está sendo grandemente insultado, pois o caluniador está julgando, não apenas o caluniado, mas o que ouve também.

Se alguém nos conta uma anedota picante, isto por si só já indica que a pessoa julga que nós estamos interessados em pornografia. Se alguém nos relata os pecados de outrem, a opinião dessa pessoa é que nós estamos interessados em saber tal coisa. Na verdade, isto é um insulto.

Geralmente, ninguém tem intenção de prejudicar aqueles de quem fala mal.

Pensamos nisto mais como um passatempo inofensivo. Lembremo-nos, porém, das palavras do Senhor:

"Não julgueis, para que não sejais julgados.

Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também." (Mt. 7:1-2)

Esta afirmação me assusta um pouco. Compele-me a orar. Eu desejo que Deus seja mais magnânimo comigo do que tenho sido para com os outros. E você?

*Há tanto de bom no pior dos homens
E tão grande parcela de mal no melhor deles,
Que não fica bem para os melhores
Falar qualquer coisa dos piores*

Uma tradução moderna das palavras de Cristo em Mateus 7:5, seria

assim:

"Hipócrita, tira primeiro este caibro de diante de teus olhos, e depois poderá enxergar direito para retirar a farpa do olho de teu irmão."

Sempre que penso no nono mandamento, recordo-me de uma história que Pierre Van Paassen narra em seu livro *The Days of our Years* (Os dias de nossos anos). Já vi esta história registrada muitas vezes, mas gostaria de revivê-la aqui rapidamente. Num certo lugar vivia um corcunda de nome Ugolin. Certa vez ele caiu muito doente. Não tinha pai e sua mãe era alcoólatra. Mas possuía uma irmã de rara beleza, chamada Solange. Como esta gostasse muito do irmão e não conseguisse dinheiro para comprar-lhe medicamentos, decidiu prostituir-se.

Mas o povo do lugar tanto falou, que Ugolin se atirou ao rio e afogou-se. A infeliz moça também suicidou-se com um tiro. Ao culto fúnebre dos dois irmãos, compareceram inúmeras pessoas. O pastor subiu ao púlpito e disse o seguinte:

"Cristãos, (e essa palavra soou como uma chicotada), quando o Senhor da vida e da morte, no dia do julgamento, me perguntar: "Onde estão tuas ovelhas?" eu me calarei. Quando ele perguntar pela segunda vez: "Onde estão tuas ovelhas?" ainda continuarei mudo. Quando indagar pela terceira vez: "Onde estão tuas ovelhas?" deixarei pender a cabeça e responderei envergonhado: "Não eram ovelhas, Senhor. Era uma matilha de lobos."

Recentemente, eu disse num sermão que o homem que fala do pecado de outrem é pior do que o que cometeu o pecado. Foi uma afirmação um tanto extremada, feita num momento impensado. Não estou certo de que seja verdadeira. Todavia, não tenho muita certeza de que esteja totalmente errada. Que acha o leitor? Antes de responder, abra a Bíblia em Gênesis 9:-27, e leia o relato de como Noé se embebedou.

Noé era um pregador. Embebedar-se é vergonhoso para qualquer pessoa, mas para um homem que usa o manto do profeta é duplamente vergonhoso. Noé deitou-se em sua tenda completamente nu. Pouco depois, entrou seu filho Cão. Viu o pai naquele estado e saiu para contar aos irmãos. Os outros dois filhos de Noé. Sem e Jafé, decidiram não olhar o pai. Entraram na tenda de costas e jogaram uma capa sobre ele.

Muitos séculos depois, quando o autor da carta aos hebreus escreveu sobre os grandes heróis da fé, ele falou da obra de Noé, mas ignorou essa falha (Hb. 11:7). Sem dúvida, Deus também a esqueceu. Sem e Jafé foram grandemente abençoados por Deus e prosperaram. No entanto, a descendência de Cão, o filho que o viu e divulgou a nudez do pai, foi amaldiçoada e condenada à condição de serva. Talvez que, no final das contas, o que comete o pecado acabe em melhor situação do que o que fala dele.

Certo garoto era considerado o terror da vizinhança. Tudo que acontecia de errado era atribuído a ele. E ele levava suas chicotadas na escola sem reclamar, e sem chorar também. Um dia, foi para escola um novo professor, e logo que surgiu um problema, todos puseram a culpa no menino. Este esperava receber a punição imediatamente, mas em vez de castigá-lo o professor falou: “Agora o Joãozinho vai contar a sua versão dos fatos.” Para espanto geral, o menino começou a chorar. Quando o professor lhe perguntou porque chorava, ele respondeu: “É a primeira vez que alguém diz que eu posso contar o que houve.”

Um de meus versículos preferidos é: “Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado.” (Gl 6:1)

10 - NÃO COBIÇARÁS

O último mandamento de Deus para nós é: “Não cobiçarás.” Isto não significa que todo e qualquer desejo que tivermos seja necessariamente pecaminoso. Se não tivéssemos alguns desejos, não teríamos aspirações, nem trabalharíamos, nem progrediríamos na vida. Cobiçar significa que pensamos em nós mesmos e nas coisas que podemos obter. Deus prefere que nos esqueçamos de nós mesmos e pensemos no que podemos dar. Jesus expressou este mandamento de forma positiva. O apóstolo Paulo cita o que ele disse, em Atos 20:35 : “Mais bem-aventurado é dar que receber.”

A palavra cobiça deriva do latim cupiditia, que significa grande desejo, avidez. O ambicioso está sempre insatisfeito, não importa quanto ele consiga obter. Por fim, a cobiça o mata e deixa-o destituído de tudo,

após tê-lo governado inexoravelmente durante toda a vida. Tolstoi conta uma história que ilustra muito bem a força da cobiça. Um certo camponês recebeu um oferecimento de terras: ele receberia toda a área de terra que conseguisse percorrer em um dia. Então ele se pôs a caminhar apressadamente, para cobrir a maior superfície de terreno possível.

Entretanto, o esforço que despendeu foi tão grande que, quando regressou ao lugar de onde partira, caiu morto. Assim, acabou sem nada.

Deus nos deu estas dez leis para o nosso bem. ele espera de nós o melhor e quer que tiremos o máximo da vida. Este último mandamento nos leva ao ponto culminante de nossa existência, que é a realização pessoal. Isto é o que todos nós queremos: a satisfação pessoal traz a paz e alegria à nossa mente, coisas estas que são o prêmio que Deus nos dá por um viver reto. Esta tinha que ser a última das dez leis. Sem se observar as outras nove, é impossível observar esta. Como é que se consegue extirpar do coração os maus desejos? Enchendo-o de desejos retos.

O melhor resumo que existe dos Dez Mandamentos é o que foi feito por Cristo: “amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento.... amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mt 22:37-39)

Demos a Deus e aos outros o primeiro lugar de nossa vida e coloquemos em nossa mente algo que é maior do que nós mesmos; o egoísmo é desbaratado. Em vez de nos sentirmos infelizes por causa de coisas que nos faltam, passamos a experimentar o gozo de oferecer o que temos para dar.

Existe uma ilustração acerca de quatro homens que escalaram uma montanha. O primeiro reclamava que seus pés doíam. O segundo era muito ambicioso e ficou desejando as casas e fazendas por que passavam. O terceiro olhou para as nuvens e ficou temeroso de que chovesse. O quarto, porém, ficou apenas contemplando o panorama. ao desviar os olhos de si mesmo e do vale embaixo, ele nem se deu conta dos pequenos problemas que tanto incomodavam os outros.

Quando nosso campo de visão é todo tomado por Deus e pelas oportunidades de que dispomos de prestar serviços ao nosso próximo,

nós experimentamos, não um egoísmo sovina, mas o fruto do Espírito. Ao nos desfazermos de nossos desejos egoísticos, obtemos amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Estes são os frutos do Espírito, os resultados de um viver mais justo (Gl 5:22-23).

Quando estudamos os Dez Mandamentos, somos quase que subjugados por um forte sentimento de vergonha e de culpa. Nós não estamos vivendo de acordo com a lei de Deus; falhamos em muitos pontos.

Não sei como será o dia do julgamento final. Temos uma idéia de Deus assentado no trono como um juiz, tendo diante de si um grande livro, no qual se acham registradas todas as transgressões da humanidade. Talvez não seja bem assim. Entretanto, de uma coisa temos certeza: o julgamento será realizado. O que você irá declarar? Adorou ídolos em vez de adorar a Deus? Culpado! Não viveu de acordo com seus mais altos princípios; profanou o nome de Deus; deixou de honrar o seu dia? Culpado! Foi infiel à herança do passado? Não deu à vida o devido valor; foi desonesto e impuro? Culpado! Caluniou ou criticou alguém? Teve desejos maus? Culpado!

Sempre que pensamos no futuro, ficamos dolorosamente cômicos de nossas imperfeições e nossa incapacidade de vivermos como deveríamos. Somos tentados a ceder ao desespero e ao desânimo. então, lembramo-nos de outra coisa — a mais maravilhosa que pode ocupar a mente humana.

Quero contar uma história que nos foi lembrada por Morris Qee:

Quando jovem, o Dr. A. J. Cronin, conhecido médico e escritor, estava à frente de um pequeno hospital. Certa noite ele realizou uma cirurgia muito delicada e de emergência em um garoto. Ele se sentiu bastante aliviado quando por fim o menino voltou a respirar livremente. Deu instruções a enfermeira de plantão e foi para casa, muito satisfeito pelo sucesso da operação. Tarde da noite, veio-lhe um chamado urgente.

Houvera uma complicação e a criança estava em péssimas condições. Quando o médico chegou à beira da cama do pequeno paciente, ele já estava morto.

A jovem enfermeira ficara apavorada e negligenciara seu dever. O Dr. Cronin chegou à conclusão de que não poderia confiar nela novamente, e escreveu à Junta de Saúde Pública uma carta que significaria o fim de sua carreira de enfermeira. Antes de enviá-la, porém, chamou a moça e leu-lhe o que escrevera. Envergonhada e sentindo-se arrasada, ela escutou-o sem dizer palavra. Por fim o médico perguntou: "Você não tem nada a dizer?" Ela abanou a cabeça. Não tinha desculpas para apresentar.

Depois de uns instantes, porém, ela abriu a boca, e o que disse foi:

"Dê-me outra oportunidade."

Deus nos deu estes dez mandamentos para que por eles regulemos nossa vida. Estou certo de que, muitas e muitas vezes, seu coração se entristece ao ver-nos transgredi-los. Ficamos diante dele, envergonhados, sentindo-nos miseráveis, condenados, sem escusas para nossas faltas. Em sua infinita misericórdia — e não porque mereçamos — Deus nos concede mais uma oportunidade.

"Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."

Se você nunca desobedeceu nem um só dos mandamentos de Deus, eu creio que você não precisa de um Salvador. Mas será que existe algum de nós que seja totalmente inculpável? Nós podemos apenas cantar "Tal qual estou, eis-me, Senhor, pois o teu sangue remidor verteste pelo pecador."

E então, quando olharmos para o futuro, poderemos dizer como o apóstolo Paulo: "Tudo posso naquele que me fortalece." (Fp. 4:13).

Pela fé em Cristo e obediência à sua vontade, nossos pecados são perdoados e nós recebemos forças para vencer amanhã.

TERCEIRA PARTE: COMO CONVERSAR COM DEUS

O PAI NOSSO

Portanto, vós orareis assim:

Pai nosso que estás nos céus,

santificado seja o teu nome;

venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu;

o pão nosso de cada dia dá-nos hoje;

e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores;

e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal

(pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém).

Mateus 6:9-13

1 - NÃO RECITAR, MAS ORAR

Eles já haviam estado em um barco certa vez, navegando num mar revolto, e tinham-no ouvido dizer com voz calma, mas cheia de autoridade: “Silêncio! Aquietai!”, e ficaram pasmados de ver que as ondas e ventos o obedeciam.

Ele se dirigira a um paralisado que se encontrava entredado havia muitos anos, e ali, diante de seus olhos, o homem se erguera e andara.

Eles haviam recolhido doze cestos de sobras de alimento, após uma refeição miraculosa, onde cinco mil pessoas haviam sido alimentadas por ele com o lanche de um garoto, que constava de cinco pães e dois peixes.

Eles viram cegos, epiléticos, leprosos e até doentes mentais serem curados com apenas uma palavra de seus lábios.

Viram o tormento da culpa abandonar o rosto das pessoas, logo que ele as perdoava.

Ouviram-no falar como nenhum outro falara antes. E sentiram profundamente todo o magnetismo que havia na vida dele.

Contudo, aquele encantamento imediatamente se transformou em terrível responsabilidade quando o ouviram dizer: “ Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio.” Certamente, ninguém poderia esperar que eles operassem os mesmos milagres que ele operara. Seria exigir muito deles.

Todavia, depois eles se sentiram cheios de um maravilhoso senso de capacitação, ao ouvi-lo dizer: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai.” (Jo 14:12)

Será que eles poderiam possuir aquele poder? Ele afirmara isto, portanto, assim devia ser. Mas como? Será que eles lhes ensinaria o segredo?

Certo dia, a solução revelou-se a eles. Realmente, havia uma chave-mestra que abria a caixa forte do poder de Deus. Imediatamente, foram ter com ele e lhe pediram: “Senhor, ensina-nos a orar.” (Lc. 11:1). Aprender a orar era o segredo, o único segredo que precisavam saber.

Atendendo aquele pedido, Jesus ensinou-lhes uma prece (Mt. 6:9-13). É possível repeti-la em um quarto de minuto — quinze segundos. Mesmo uma congregação recitando-a vagorosamente não leva mais que meio minuto para isso. No entanto, Jesus poderia passar metade da noite repetindo aquela mesma oração. Existem hoje mais de quinhentos milhões de pessoas que sabem estas palavras de cor, mas são muito poucos os que realmente sabem dizê-las como oração. O poder está não em repetir as palavras, mas em se fazer a oração.

Orar não é simplesmente recitar algumas palavras. As palavras são apenas a armação de concreto sobre a qual a casa do pensamento é edificada. O poder do Pai Nosso reside não nas palavras, mas sim na configuração mental que gera em nós. A Bíblia nos ordena: “mas transformai-vos pela renovação de vossa mente” (Rm 12:2). Quando nossos pensamentos começam a fluir através dos canais da oração do Pai

Nosso, nossa mente se renova e nós somos transformados.

Temos o poder de Cristo na mesma proporção em que nos apropriamos de seus pensamentos. Lembramo-nos de como no “Hamlet” de Shakespeare, o rei não conseguia orar. E ele explica isto com as seguintes palavras:

*Minhas palavras voam ao céu, mas meu
pensamento aqui embaixo está;*

E sem o pensamento, elas nunca chegam lá.

E é verdade. Nós também fracassamos em nossa devoção porque nossas preces são palavras sem pensamento.

2 - PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS

Jesus disse para iniciarmos a oração assim: “Pai nosso, que estás nos céus.” E se ela ficasse só nestas seis palavras, já estaria completa.

Jesus acrescentou as outras como uma ampliação do pensamento. Se realmente aprendemos a dizer esta primeira sentença bem, não será necessário ir mais além.

A palavra “Pai” é uma definição de Deus. Para nós, é uma definição imperfeita, porque nós somos pais imperfeitos. Um certo pastor que trabalhava com meninos de uma favela disse que nunca podia se referir a Deus como pai. A palavra pai, para aqueles garotos, trazia à memória a figura de um homem constantemente embriagado, que batia na mulher.

Quando pensamos nesta palavra, associamos a ela todas as imperfeições de nosso pai.

Por isso, Jesus não podia usar a palavra “Pai”. Ele tinha mesmo que adicionar a expressão: “que estás no céu”. Ela não aparece aqui para indicar a localização de Deus, ou nos informar onde é que Deus reside.

Por alguma razão, nós já formamos a idéia de que o céu está bem longe de nós. Muitos de nossos hinos mais apreciados falam daquele

“distante lar”, e pensamos também que Deus esta lá no lar distante. Se observarmos os ensinamentos de Cristo, veremos que tais conceitos são muito errôneos.

Deus esta tão próximo de nós como o ar que respiramos. Na realidade, este adendo “que estás nos céus” é uma descrição de Deus. O céu é sinônimo de perfeição. Jesus poderia ter dito: “Nosso Pai perfeito”, e teria sido a mesma coisa. E quando pensamos no termo “pai”, logo pensamos também em autoridade, e não em indulgência. Pelo próprio ato de reconhecermos que Deus é pai, nós nos colocamos na posição de filhos. E o pai tem o direito de autoridade sobre os filhos.

E é assim que submetemos nossa vontade à dele. Nossos atos são controlados não pelo nosso querer, mas pelo dele. Nós todos reconhecemos que Deus estabeleceu uma ordem moral. O homem não cria leis; ele simplesmente descobre os mandamentos de Deus. Quando obedecemos estes mandamentos, como dantes, nós vemos que “sua vontade é nossa paz”.

Por outro lado, deixar de reconhecer a soberania de Deus significa fracassar em todas as áreas da vida. Uma das igrejas valdenses tinha um selo cujo emblema era uma bigorna e vários martelos quebrados, circundados pelas palavras: “Malhai, mãos hostis! Vossos martelos se despedaçam; a bigorna de Deus permanece.” Enquanto não se puder dizer: “Pai”, é melhor não continuar a oração.

O vocábulo pai significa mais que regedor, legislador ou juiz; ele implica também num domínio exercido pelo amor, pois coloca a misericórdia bem no centro do julgamento. Como o amor gera o amor, nossa relação para com a atitude de Deus é a de uma verdadeira filiação, e não um sentimento de temor. Paulo explicou isto de maneira admirável:

"Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai." (Rm. 8:15).

Mas “Pai celestial” não significa apenas autoridade e amor; significa também santidade. Certa vez, Isaías entrou no templo e ouviu os serafins cantando: “Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos.” Quando ele sentiu o impacto da imaculada pureza de Deus ficou consciente de sua própria imperfeição a ponto de clamar: “Ai de mim! estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros.” (Is. 6:5).

Por que e que fechamos os olhos para orar? Talvez seja para afastarmos de nossa mente o mundo exterior a fim de darmos toda a nossa atenção a Deus. Todavia a verdadeira oração abre nossos olhos.

Um grande hindu disse: “Por que vocês estão tão ansiosos para ver Deus com os olhos fechados? Vejam-no com os olhos abertos — em forma de pobres, famintos, analfabetos e aflitos.” Quando dizemos “Pai”, estamos reconhecendo nossa filiação a ele, mas também reconhecendo nossa ligação com os irmãos.

Um jovem veio ver-me recentemente. Ele passara dois anos na cadeia.

Parece que muitas vezes nós só enxergamos as vantagens da sociedade depois que somos afastados dela. Aquele jovem me disse: “Eu não ambiciono muita coisa. só quero ser aceito, ser parte do grupo.”

Ser parte do grupo é o que nós todos queremos. Dizer “Pai Nosso” significa remover todas as barreiras, colocando cada um de nós na posição de filho de Deus.

Esta primeira sentença do Pai Nosso sintetiza toda a vida crista. A palavra “Pai” expressa nossa fé. Ela não apenas demonstra que cremos em um Deus, mas também dá uma descrição dele. A expressão “nos céus” engloba todas as nossas esperanças. O vocábulo “céus” significa perfeição, e fala daquela qualidade de vida que todos os cristãos sinceros estão se esforçando para obter. Cristo disse: “Sede vós perfeitos como perfeito e o vosso Pai celeste.” (Mt. 5:48).

O homem nunca está satisfeito consigo mesmo. Está sempre lutando para subir ou avançar. Ele só aceita seus fracassos passados e atuais, porque espera melhorar no futuro.

Um amigo do escultor Willian Story estava observando seu trabalho, e perguntou-lhe: “De qual das suas obras você gosta mais?” O artista replicou: Eu gosto mais da próxima estátua que vou esculpir”.

A palavra “nosso” implica num amor que abrange todos. Sem essa idéia a oração é vazia. A religião não pode isolar o homem do seu semelhante, porque, se não pudermos dizer “irmão”, não poderemos dizer “Pai”.

Fé, esperança, amor — todas estas três virtudes estão incluídas nesta palavra.

Como nossa vida seria diferente se, ao orar, levássemos em conta todo o significado de “Pai Nosso, que estais nos céus”! Isto nos levaria a orar de joelhos, no nosso Getsêmani, completamente rendidos a vontade do Senhor. Nós sacrificaríamos a vida para servir o próximo e nos esforçaríamos para salvá-lo. Acima de tudo, isto traria Deus para dentro de nós.

Ai então, não importando o que pudesse acontecer, confiadamente, nós oraríamos como Jesus: “Nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc. 23:46). assim teríamos a certeza de que podíamos deixar nossa vida nas mãos de Deus, sabendo que nossas aparentes derrotas redundariam em glorioso triunfo, e que, dos túmulos da vida, brotariam ressurreições, e nós cantaríamos como o apóstolo:

"Onde está, ó morte, a tua vitória?

Onde está, ó morte, o teu aguilhão?...

Graças a Deus que nós da a vitória

por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo"

(1 Co. 15:55-57).

É rara a semana em que eu não tenho que dirigir um culto fúnebre no cemitério de Atlanta. Há dez anos atrás, foi o meu próprio pai que deixei ali, e hoje, quando vou lá, antes de sair, paro por uns instantes junto à sua sepultura, e penso nele. Sempre saio reconfortado.

Lembro-me de como ele foi bom para mim, e como ele deu tudo que tinha aos filhos, em coisas materiais. E não eram apenas roupas, alimentos e outras necessidades básicas, mas também bolas, tacos de beisebol, e outros brinquedos de que as crianças gostam. ele ficava feliz em nos tornar felizes. Lembro-me de como ele orava por nós, um por um. Sua voz está gravada em minha mente, e as palavras são as seguintes: “Senhor, abençoa Charles. Que ele seja um bom homem quando crescer”. “Abençoa Stanley”, dizia ele. “Abençoa o John, Grace, Blanche, Sarah, Frances...” E para cada um de nós havia um pedido especial.

De pé, junto ao seu túmulo, eu me lembrava de sua grande honestidade, de seus altos padrões morais, de sua humildade. Ele era bem pouco ambicioso; nunca queria muito para si mesmo. As casas pastorais em que moramos, geralmente eram próximas à igreja, e sempre havia gente batendo à nossa porta. Lembro-me de que ele nunca negava

o auxílio solicitado.

Algumas vezes chego a me esquecer do tempo, quando fico ali pensando nele.

Assim, até certo ponto, eu compreendo bem porque Jesus nos instruiu para começarmos a oração dizendo: “pai nosso”. O Senhor Jesus, várias vezes, subiu a um monte para orar sozinho, e em muitas ocasiões, ele orou a noite a noite toda. Certa feita, ele ficou quarenta dias esquecido do tempo, esquecendo até de se alimentar. Ali, na quietude do lugar, ele pensava em seu Pai.

E ele nos diz que devemos orar do seguinte modo: “Pai nosso, que estás nos céus”! Não estamos pedindo nada a Deus, estamos, isto sim, abrindo o coração para um derramar da graça de Deus em nós.

Norman Vincent Peale conta que, em seu primeiro passeio ao Grande Canyon do Rio Colorado, ele falou com um senhor idoso que passara bastante tempo ali. Perguntou-lhe qual das excursões oferecidas lhe proporcionaria a melhor visão do “canyon”. O velho respondeu que, se ele realmente quisesse ver o canyon, não deveria fazer nenhuma daquelas excursões. Em vez disso, ele deveria ir para lá de madrugada, sentar-se à borda do barranco, e apreciar a paisagem; ver a manhã transformar-se em dia e o dia em tarde; contemplar as cores brilhantes transmudando-se no decorrer do dia. Depois, jantar rapidamente e voltar lá para ver o grande abismo ser envolvido pelo roxo do entardecer. Disse ainda que a pessoa que fica rodando pelo canyon acaba ficando exausta, e, na verdade, não vê a beleza e a grandeza do lugar.

Foi isto que o profeta disse a respeito de Deus: “Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.” (Is. 40:31). Que significa “esperar no Senhor”? Significa pensar no Senhor, embora pensar não seja bem o termo. Talvez meditar expresse melhor esta idéia ou, talvez, ficar em contemplação. Como diz o salmista: “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus.” (Sl 46:10).

Disse o pensador cristão: “enquanto o homem não encontra Deus, ele começa sem começo, e trabalha sem finalidade.” Assim, ninguém está preparado para orar enquanto não estiver totalmente tomado por pensamentos a respeito de Deus. Há anos, já, eu tenho visto muitas pessoas se ajoelharem no altar, ao final dos cultos. Várias delas me contaram das maravilhosas bênçãos que receberam em resposta a estas

orações.

A razão por que estas orações são tão preciosas para elas, é que são feitas ao final do culto. Durante cerca de uma hora, elas ficam no templo, pensando na pessoa de Deus. Os hinos, a leitura da Bíblia, o sermão, as outras pessoas ao nosso redor cultuando a Deus — tudo isto contribui para nos aproximar de Deus. Assim, quando nos ajoelhamos para orar, nossa mente está condicionada na direção certa, todo o nosso pensamento está relacionado com Deus. Por isso, a oração é espontânea e verdadeira. Nossas palavras expressam exatamente nosso pensamento.

“Pai nosso, que estás nos céus”. quando estas palavras tomam corpo e realidade para nós, nós nos tornamos calmos e confiantes. É como diz o poema:

Disse o pintassilgo ao pardal:

"Gostaria muito de saber

Por que os homens são tão preocupados,

Inquietos e aflitos

Responde o pardal ao amigo:

"Meu amigo, eu creio que deve ser

porque eles não tem um Pai como nós,

que cuida bem de mim e de você."

3 - SANTIFICADO SEJA O TEU NOME

Jesus ensina que a oração deve constar de seis itens. Antes que o homem possa expressar qualquer um dos cinco, deve dizer: “Santificado seja o teu nome.”

Certa vez, Moisés estava no monte cuidando do rebanho. De repente, ele viu um arbusto em chamas, que contudo não se consumia. Depois de alguns instantes ele se aproximou para ver o que era.

Era Deus que se encontrava naquela planta, desejando revelar a

Moisés a sua vontade para a vida dele, mas logo que o profeta se aproximou ouviu uma voz que dizia: “Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa.” (Ex. 3:5). Isto significa que antes que Deus possa falar com o homem, este tem que mostrar respeito e reverência.

Muitas pessoas só se lembram de orar em caso de extrema necessidade, isto é, quando tem um problema que não podem resolver por si mesmas.

Suas orações se centralizam nelas e naquilo que querem de Deus. É por isso que são poucas as pessoas que realmente oram com poder. Jesus diz que temos que colocar Deus em primeiro lugar. Santificar quer dizer respeitar, reverenciar.

Notemos, porém, que Jesus não nos manda santificar o nome de Deus.

Antes, o que fazemos é uma petição: pedimos que ele faça algo que nós não podemos fazer. Pedimos que ele santifique o próprio nome. O homem profano não pode fazer nada para Deus, enquanto o Senhor não fizer alguma coisa em favor dele. Suponhamos que um pintor — o maior gênio de todos os tempos — dissesse: “Vou subir até o espaço para pintar o céu”.

Nós nos riríamos dele. Do mesmo modo, é impossível ao homem santificar o nome de Deus. Se fossemos tentar escurecer o céu com piche, só conseguiríamos nos sujar. O céu continuaria do mesmo jeito. Então, o que é que Jesus quis dizer com esta frase?

A ênfase da sentença não se encontra no vocábulo “santificado”, mas sim em “nome”. A Bíblia é um livro de nomes. Cada nome tem um significado próprio, com a finalidade de revelar o caráter da pessoa. O nome Jesus, por exemplo, significa: Deus é salvação. Foi por isso que o anjo disse a José: “E lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.” (Mt. 1:21)

Quando André levou seu irmão a Cristo, o Senhor disse: “Tu és Simão, o filho de João”. O nome Simão significa areia; e era uma descrição de seu caráter. Mais tarde, sob a influência de Cristo, ele se tornaria uma nova pessoa. Assim sendo, Jesus disse que seu nome seria mudado: “Serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)”, uma rocha sólida e inabalável. (Jo 1:42)

Saber o nome de uma pessoa significava conhecer a pessoa. Assim, o “nome” de Deus contém a revelação de sua natureza. Quando dizemos: “Santificado seja o teu nome”, o que estamos realmente falando é: “Revela-te a mim, ó Deus.” Jó disse: “Porventura desvendará os arcanos de Deus ou penetrará até a perfeição do Todo-Poderoso? (Jó 11:7). A resposta é não. O homem só pode conhecer Deus na medida em que o Senhor se revela a ele.

Walter de La Mare, poeta inglês, expressou uma dúvida que ocorre a todos nós, às vezes: “Será que há mesmo alguém lá em cima me ouvindo?” Antes de começarmos a orar, temos que nos convencer de que há alguém ali, pronto a nos ouvir, e, depois termos consciência de sua presença.

Há três maneiras — talvez quatro — pelas quais Deus se revela. Primeiro, na sua maravilhosa criação. “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.” (Sl. 19:1). Esta foi a primeira revelação que Deus fez de si mesmo. Quantas vezes estamos numa praia e nos sentimos arrebatados pela vastidão sem fim do mar. Quando nos lembramos de que ele pode segurar os mares “na concha de sua mão” (Is. 40:12), então nós temos uma pequena idéia de como é o seu poder. Ao contemplar os picos das grandes montanhas, ficamos profundamente impressionados com sua majestade e imponência.

Jesus olhou reverentemente para um “lírio do campo”, e viu nele a glória de Deus (Mt. 6:28-29).

A terra está repleta do céu; cada arbusto de mato arde com a presença de Deus”, disse a poetisa Elizabeth Browning. Quando olhamos para os céus vemos a imensidade de Deus; depois olhamos para um floco de neve e vemos sua perfeição. Um pôr-de-sol nos fala de sua beleza.

Contudo o homem moderno aventura-se a usar seu próprio conceito de divindade a fim de suprimir esta revelação de Deus. Em vez de orar pedindo chuvas, nós pensamos em chuvas artificiais. Nós podemos bombardear as nuvens com substâncias químicas para provocar chuvas, mas quem fez as nuvens? Jesus contou a história de um homem rico que se parecia muito conosco. “O campo de um homem rico produziu com abundância. E arrazoava consigo mesmo dizendo: que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: farei

isto: Destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens.” (Lc. 12:16-18). Eu, eu, eu. Meu, meu, meu. Não há a menor centelha da presença de Deus. Ele não vê o Deus criador de todas as coisas.

Em segundo lugar, Deus se revela através de pessoas. Em Moisés, temos uma visão da lei de Deus; Amós revelou-nos a justiça divina; Oseías, seu amor e Miquéias, seus padrões de ética. Uma pessoa nos tratou bem quando estávamos enfermos; outra nos ajudou num transe difícil. Ainda outra nós estendeu a mão num momento de solidão. Alguém a quem ofendêramos nos perdoou demonstrando um espírito de amor. Deus também é revelado através de gestos assim. Nós compreendemos a Deus melhor por causa do amor de nossa mãe, ou pela vida consagrada de um amigo, ou por heroísmo como o de Joana D’Arc. O culto prestado em companhia dos irmãos é muito mais proveitoso porque sempre aprendemos alguma coisa com os outros.

A revelação máxima de Deus é Cristo. “Quem me vê a mim, vê o Pai.”

Quando lemos os quatro evangelhos e vemos Jesus retratado neles, começamos a perceber que, na realidade, estamos vendo a Deus.

Há outra maneira de Deus se revelar. Não sei de um nome para ela, nem sei explicá-la. Poderíamos denominá-la de a voz que é um “cicio tranquilo e suave”, ou as impressões do seu Espírito em nós. Eu posso testificar de algumas vezes — talvez bem raras — quando sentimos ter recebido uma palavra direta dele. Samuel ouviu Deus falando com ele de viva voz.

Se conhecemos a Deus, podemos dizer: “Santificado seja o teu nome”, isto é, “Torna-nos mais conscientes de ti, ó Deus, para que possamos compreender-te melhor”. E quando nossa mente está inteiramente tomada por Deus e nós fixamos os olhos nele, os pecados que nos assediam perdem domínio sobre nós, e nós nos tornamos mais prontos a ouvi-lo e obedecê-lo. É uma condição que nós precisamos preencher se quisermos orar com poder.

4 - VENHA O TEU REINO

“Venha o teu reino”, é o segundo ítem da oração que Jesus ensinou. A palavra “reino” é um pouco estranha aos nossos ouvidos ocidentais.

“Democracia” é um termo que entendemos melhor. Nós exigimos o direito de nos governarmos a nós mesmos. Kipling, o famoso poeta inglês, refere-se a nós como um povo onde cada homem “coroa rei a seus tristes irmãos”.

Hoje em dia, nós nos rebelamos contra a idéia de um governo ditatorial e totalitário. E até existe quem vá ao ponto de destronar a Deus, em sua defesa do livre arbítrio.

Temos que nos lembrar, porém, de que em certo sentido o reino de Deus já veio. Suas leis regem o universo com absoluta autoridade. O cientista conhece as leis de Deus. Ele as enxerga perfeitamente dentro da engrenagem precisa do cosmos. Os médicos sabem que há leis que dizem respeito ao equilíbrio do organismo. Quem as obedece tem boa saúde. A desobediência a elas resulta em morte. Os psiquiatras reconhecem que o pensamento do homem tem que se ajustar a um padrão certo. Nós estamos ligados uns aos outros pela fraternidade universal que também é uma lei de Deus.

Deus já estabeleceu seu reino sobre a terra. Isto significa a supremacia de suas leis e de seu domínio. Seu reino está aqui agora. Quer queiramos ou não, ele domina sobre nós. Como disse o profeta do passado: “A alma que pecar, essa morrerá.” (Ez 18:4)

Nós temos um palácio do governo. Sabemos quem é o governador do Estado, e conhecemos alguns membros do legislativo. Sabemos como as leis humanas são criadas. Entretanto, toda e qualquer lei feita por governos humanos pode ser vetada ou sofrer emendas, já que o futuro trará outros governantes, outros legislativos.

Com as leis de Deus isso não ocorre. Eu poderia rebelar-me contra a lei da gravidade, por exemplo, e saltar da janela do último andar de um grande edifício. A única coisa que conseguiria era me autodestruir.

Minha atitude não modificaria a lei. Por isso, se quero descer, tomo o elevador. Não seria isto, porém, uma prova da supremacia da engenhosidade mecânica do homem, sobre a lei de Deus? Não. Se o

cabo de um elevador rebentar, ele cai também. Isso já aconteceu mais de uma vez.

O próprio fato de os construtores usarem cabos de aço e fazerem inspeções regulares de seus carros é um atestado da validade dessa lei de Deus, e de sua subordinação a ela.

O mundo é o reino de Deus e se acha sob seu domínio soberano, e sob seu poder, sendo totalmente controlado por leis divinas. Entretanto, pela sua desobediência, o homem está indo em direção à autodestruição. Será que algum dia vamos recobrar o juízo? Será que daremos suficiente reconhecimento à lei de Deus para nos submetemos a ela e a obedecermos?

Há muitos que respondem negativamente. São homens tão depravados, tão corrompidos pelo egoísmo e estão tão cegos pelo orgulho, que não enxergam o caminho certo, e mesmo que pudessem obedecê-las não queriam.

Por isso, estamos constantemente ouvindo falar da destruição do mundo, e do inferno como castigo inevitável e eterno. Estamos ouvindo o clamor dos pretensos profetas que não vêem esperanças para o mundo, mas apenas o terror do julgamento de um Deus irado. Jesus entretanto orou assim: “Venha o teu reino”! Naturalmente, ele acreditava na concretização de tal fato, e não apenas na possibilidade de ele se tornar realidade.

Houve um dia em que Jesus cerrou definitivamente as portas de sua carpintaria. Precisava começar a tratar dos negócios de seu Pai — trazer o reino de Deus à terra. O texto de seu primeiro sermão foi:

“Arrependei-vos porque está próximo o reino dos céus (Mt. 4:17).

Era isto que ele pregava o tempo todo. Ele nunca deixou de crer nisso e mesmo depois da ressurreição ele ainda falou aos discípulos acerca do reino de Deus. (At. 1:3)

Quando dissermos: “Venha o teu reino”, será bom enfatizarmos a palavra venha. Parece mais fácil dizer: “Que se espalhe o teu reino”. Pois não é difícil orar pela conversão do povo e dar ofertas para missões. O difícil é encarar honestamente os próprios pecados, arrepender-se e mudar de vida.

É mais fácil fazer cruzadas pela paz mundial do que perdoar

alguém que nos tenha prejudicado de algum modo, ou a quem nós prejudicamos. Davi Livingstone levou aos selvagens a Palavra de Deus, mas antes, ele dedicou a si mesmo ao Senhor. No último dia de sua vida, ele escreveu em seu diário: “Meu Jesus, meu rei, minha vida, meu tudo, novamente dedico a ti toda a minha vida”

Há um verso das Escrituras que me perturba muito. Eu tenho gozado do abençoado privilégio de pregar a muitas pessoas. Agora mesmo, encontro-me na Columbia, capital do Estado da Carolina do Sul, fazendo conferências numa das maiores igrejas do estado. Todas as noites, o salão tem ficado repleto, e muitos dos que chegam atrasados tem que voltar para casa. Há porém uma coisa que é mais difícil que pregar. O apóstolo Paulo falou disso: “Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo a escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo ser desqualificado” (1 Co. 9:27). Se o maior pregador cristão de todos os tempos corria o risco de se tornar “desqualificado”, quanto mais nós!

“Venha o teu reino”. Este pedido demonstra que olhei para dentro do meu coração e desejo a ação do poder purificador de Deus em minha vida.

Significa também que eu me inclino humildemente diante dele em fé e obediência.

Ouvi certa vez uma história de um homem que possuía um cão muito fiel.

Este senhor mandou o cão vigiar sua marmita e por causa de sua obediência cega, pereceu em um incêndio na floresta. Com lágrimas correndo pelo rosto, o velho explicou: “Sempre tive que ser muito cauteloso com as ordens que lhe dava, porque ele obedeceria a tudo”. É isto que esta oração quer dizer.

Jesus contou a seguinte parábola: “O reino dos céus é também semelhante a um homem que negocia e procura boas pérolas; e tendo achado uma pérola de grande valor, vendeu tudo o que possuía, e a comprou” (Mt. 13:45-46). As pérolas que aquele homem vendeu eram resultado do labor de uma vida inteira. Representavam tudo o que ele possuía. Contudo, encontrou uma pérola que valia por todas as outras. Portanto, quando dizemos “Venha o teu reino”, isto significa que estamos dispostos a desistir de tudo o que possuímos para termos a Deus. Ele quer tudo ou nada.

É mais fácil para nós falarmos acerca dos pecados do mundo, da corrupção política, dos males da bebida, da literatura e dos filmes pornográficos, dos “inferninhos” da cidade, ou dos incrédulos da China. Mas antes de podermos orar pelos lugares onde não há o reino de Deus, temos que tê-lo em nós mesmos.

Jonathan Edwards, um dos mais poderosos pregadores da América, sabia disto. Ele afirmou certa vez: “Quando vou pregar, tenho dois objetivos em mente. Primeiro, cada ouvinte deve entregar o coração a Jesus.

Segundo, independentemente das decisões dos outros, eu entregarei minha vida a ele.”

O apóstolo disse: “Longe de vós toda a amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda a malícia. Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou”. (Ef. 4:31-32)

É isto que a vinda do reino de Deus significa para nós. Depois que ele vem, nós poderemos divulgá-lo com grande poder. Os pecadores nunca serão defensores do reino da justiça. É como diz aquele cântico “negro-espiritual:

“It aint my brother, it aint my sister, its me, o Lord, standing in the need of prayer.” (Não é meu irmão, nem minha irmã, mas sou eu, Senhor, que estou precisando de oração).

“Venha o teu reino”! Depois que esta oração for respondida, então não teremos mais dúvidas de que o poder do reino de Deus cobre a terra.

5 - FAÇA-SE A TUA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

Jesus ensina que, para podermos orar com poder, temos que colocar Deus em nosso pensamento e reconhecer sua soberania. Devemos dizer: “Seja feita a tua vontade”. É aqui que muitas pessoas tropeçam, perdem o alento e se afastam de Deus. Eu creio saber a causa disso.

Quando estudava psicologia na faculdade, formulei um teste de associação de idéias, para aplicar às minhas congregações. Diria a palavra “Natal”, por exemplo, a uma pessoa e pediria a ela que dissesse a primeira coisa que lhe viesse a mente, associada à palavra Natal. As respostas que eu recebia eram quase sempre: Papai Noel, presentes, enfeites, etc. Raramente alguém dizia: Cristo. Cheguei à conclusão de que nós temos comercializado e paganizado o dia do aniversário do Senhor. Eu creio que, resguardados certos limites, este teste é bastante válido.

Vamos fazer uma prova agora mesmo. Eu mencionarei uma palavra, e o leitor verificará qual é o seu primeiro pensamento — “vontade de Deus”.

Que é que isto lhe sugere? A morte de um ente querido ou um grande revés, uma enfermidade incurável ou um grande sacrifício? A maioria das pessoas quando pensa em “vontade de Deus” forma um quadro mental sombrio.

Talvez uma das razões disto seja a oração de Jesus no Getsêmani. “Não se faça a minha vontade, e sim, a tua”. (Lc 22:42). E em consequência de sua submissão, ele se encaminhou para o calvário onde foi pregado a uma cruz para morrer. E é assim que a “vontade de Deus” e “cruz” acabam-se tornando idéias sinônimas.

Mas podemos recuar um pouco mais no tempo. Vejamos Jó. Ele perdeu sua riqueza e os filhos; sofreu uma grave enfermidade, e sua esposa o abandonou; E ele associou tudo isto à vontade de Deus, pois disse: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou” (Jo 1:21). E nós também, quando temos mágoas e tristeza, dizemos: “É a vontade de Deus”. É muito natural que não desejemos tal vontade.

Parece-me que a crença geral é que a intenção de Deus é tornar nossa vida desagradável, como quando temos que ingerir remédios amargos, ou temos que ir ao dentista. Pensamos que seríamos mais felizes se não nos submetêssemos à vontade de Deus. Na realidade, nunca chegamos a dizer: “eu me recuso a acatar a vontade de Deus”. No entanto, afirmamos: “Desta vez, vou fazer o que quero”.

É preciso que nos lembremos de que o amanhecer também é vontade de Deus.

Há um tempo de colheita que resulta em alimentos e vestuário para nós, e sem o qual não haveria vida sobre a terra Deus criou as

estações do ano; portanto, o fato de elas existirem também é parte da vontade de Deus. A verdade é que as coisas boas da vida superam em muito as más. Há mais alvoradas que ciclones.

Nós vivemos em casas, que durante o inverno são aquecidas por meio do vapor da água (o autor se refere ao sistema de aquecimento mais usado em seu país — os Estados Unidos). Gozamos também do conforto do gás encanado, que vem diretamente à nossa casa, mas muito antes de nós nascermos, Deus já o tinha estocado no solo, para nosso bem-estar. Na verdade, as geadas invernais são da vontade de Deus, mas o aquecimento artificial também foi Deus quem providenciou para nós. A maneira como encaramos a vontade de Deus é que mostrará se nós a aceitamos de bom grado ou nos esquivamos dela.

Jesus disse: “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. em que é que pensamos quando a palavra céu nos vem a mente? Pensamos em paz, plenitude, perfeita alegria e a ausência de dores, sofrimentos e lágrimas. João viu tudo isso, e o registrou em Apocalipse 21. E estas coisas são exatamente o que queremos para nossa vida atual.

Jesus disse que isto é a vontade de Deus para nós. Antes que possamos dizer: “Seja feita a tua vontade...” temos que crer que ela é a melhor coisa para nós. Muitas vezes nós nos preocupamos com as situações imediatas enquanto Deus vê nossa vida como um todo. Tomemos o exemplo de dois estudantes. É a vontade de seu professor que eles dediquem bastante tempo a um estudo aplicado. Um deles, porém, se rebela contra essa imposição desagradável, e como quer se divertir, resolve ir ao cinema. e é provável até que ele abandone os estudos para poder viver despreocupadamente.

O outro dedica-se aos livros, embora isto lhe seja penoso. Vejamos estes mesmos rapazes dez ou vinte anos mais tarde. O primeiro agora é grandemente prejudicado pela sua ignorância. Enfrenta muitas dificuldades e contratempos por causa de sua falta de preparo. O outro é mais livre, mais feliz e sua vida é menos penosa, mais compensadora, porque ele se preparou convenientemente.

Foi assim com José, o filho predileto de Jacó. Seu lar era um lugar feliz. Mas o ciúme que brotou no coração de seus irmãos fez com que estes o jogassem numa cova escura, e depois o vendessem como escravo. Mais tarde, aqueles mesmos irmãos tiveram que ir a ele, num momento de necessidade. A palavra de José para eles foi: “Agora, pois, não vos

entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque para a conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós” (Gn. 45:5).

É lógico que os primeiros tempos foram muito difíceis para José, mas ele não desesperou da fé, e nunca arredou de sua posição, de modo que, no fim da vida, ele podia olhar para trás e sentir o mesmo que sentiu o personagem da peça “Hamlet” de Shakespeare quando afirmou: “Existe uma divindade que dá forma aos nossos objetivos”. A submissão de nosso Senhor, ocorrida no Getsêmani, seguiu-se uma cruz, mas depois da cruz houve um túmulo vazio e um mundo redimido.

Às vezes, não é Deus quem nos leva aos vales profundos e às águas escuras. Pode ser a ignorância e a imprudência humanas. Entretanto, mesmo em tais circunstâncias, podemos sentir sua presença, porque de nossos erros Deus pode tirar algo de positivo para nós. Não foi Deus quem enviou a tragédia à vida de Jó, mas como a sua fé resistiu, o Senhor usou todas aquelas tristezas para o bem dele. É maravilhoso o que Deus pode fazer com um coração ferido, quando nós o entregamos a ele.

A vontade de Deus não somente é o melhor para nós; ela também se encontra ao nosso alcance. Muitos se retraem diante da vontade de Deus por temerem que o Senhor lhes pedirá que façam algo que não podem fazer.

Foi o caso do homem que recebeu um talento, e enterrou-o. Depois, ao explicar a razão daquele fracasso, e o porque de nem ao menos ter tentado a mínima aplicação, ele disse: “Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste”, ele disse, “e ajuntas onde não espalhaste, receoso, escondi na terra o meu talento; aqui tens o que é teu”. (Mt. 25:24-25)

Ele estava receoso de exigências absurdas por parte do seu senhor. Cria que, mesmo que ele fizesse o melhor que pudesse, não conseguiria agradá-lo. Há muitas coisas que não podemos fazer. Por exemplo, são relativamente poucas as pessoas que possuem habilidades artísticas. A capacidade de liderança também é outro dom que a maioria das pessoas não possui. E poderíamos enumerar milhares de exemplos deste tipo.

De uma coisa, porém, podemos estar certos: nós todos podemos fazer a vontade de Deus. Moisés pensou que ele não poderia. Quando Deus o chamou para se livrar os filhos de Israel da escravidão, começou

a arranjar desculpas. Ele cria sinceramente que aquilo estava acima de suas possibilidades. No entanto, ele conseguiu. Nós todos podemos dizer:

“Faça-se a tua vontade”, com toda a confiança, porque Deus é um Pai amoroso, que conhece seus filhos melhor do que eles próprios. Ele exige de nós o máximo que podemos dar, mas nada além disso.

Orar “Faça-se a tua vontade” é o mesmo que alistar-se num exército para combater na guerra. Em 1972, Willian Carey entregou um sermão baseado no texto: “Alarga o espaço da tua tenda; estenda-se o toldo da tua habitação, não o impeças; alonga as tuas cordas e firma bem as tuas estacas”. (Is. 54.2). Foi uma das mensagens mais eloqüentes que alguém já pregou, pois dela resultou a criação da Sociedade Batista Missionária, cuja história não caberia em cem livros. Naquele sermão, Carey disse sua famosa frase: “Espere grandes coisas de Deus; realize grandes coisas para Deus”.

O importante, porém, é que ele não se contentou em apenas pregar sobre missões; ele abandonou tudo e foi para a Índia como missionário. Ele realmente orou: “Assim na terra como no céu”. E, para ele, aquilo significava a terra toda, pois dedicou a vida a ver sua própria oração respondida.

Recebi recentemente uma carta de uma pessoa que me solicitava que orasse a Deus para que ele não deixasse mais nenhuma criança ser atacada de poliomielite. Ela mencionava o seguinte verso: “Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos”. (Mt. 14:14). Sendo pai de três filhos, é certo que eu gostaria de ver a poliomielite erradicada completamente.

Tenho certeza de que nós podemos ver esta oração respondida à hora que desejarmos. No entanto, é preciso notar que, no orçamento da nação, dedicam-se bilhões de dólares à corrida armamentista. Mas quando pensamos em pólio, realizamos apenas uma “March of Dimes” (Campanha dos tostões). Que sabe se utilizássemos em pesquisas o dinheiro empregado em bombas atômicas, não encontraríamos a cura não só para a poliomielite, mas também para o câncer, a artrite, e muitas outras enfermidades?

Contudo, nós somos forçados a manter este amplo programa de defesa. E de quem é a culpa? Se nós tivéssemos empregado em trabalho missionário no Japão uma quantia equivalente ao preço de uma daquelas

naves de guerra afundadas em Pearl Harbor, talvez nem houvesse a Segunda Grande guerra.

Se tivéssemos mantido o espírito cristão na Alemanha, logo após a Primeira guerra talvez Hitler nem chegasse a ser conhecido.

Na realidade, a vontade de Deus está em operação na terra, atuando na vida de cada um de nós. Por exemplo, nenhum de nós decidiu em que século nasceria. Nenhum de nós é livre para escolher os país, a cor da pele, o sexo ou a aparência física. Tudo isto foi resolvido por uma vontade superior, a vontade de Deus.

E a vontade de Deus está operando em nossa vida. Existe um propósito para nossa vida. Eu creio que ninguém nasceu por acaso. Antes de nascermos aqui na terra, já existíamos na mente de Deus. É possível nos rebelarmos contra ele, mas no fim seremos completamente derrotados. Uma pessoa pode recusar curvar-se à vontade de Deus e resignar-se a viver tolerando o que lhe sobrevém, mas nunca encontrará paz, nem alegria.

E como disse o poeta britânico, Tennyson: “Nossa vontade é nossa, não sabemos por que. Nossa vontade é nossa, para torná-la tua”.

Como podemos saber a vontade de Deus para nossa vida? Muitos nunca saberão pois Deus não se revela a quem não o busca com seriedade.

Ninguém pode entrar em sua presença apressadamente. Quem diz: “Senhor, aqui está minha vontade; espero que tu a aprove”, está perdendo tempo.

Somente aqueles que sinceramente desejam fazer a vontade de Deus e confiam nele o suficiente para se submeterem completamente a ela, irão realmente conhecê-la. É inútil dizer a Deus: “Senhor, mostra-me a tua vontade; se eu gostar dela, eu a aceitarei”. Temos que aceitá-la antes mesmo de conhecê-la. As possibilidades que temos de assim agir dependem de nosso conceito de Deus.

Deus revela sua vontade de muitos modos aos que são genuinamente sinceros. Nós aprendemos muitas coisas pelo discernimento interior. Um psiquiatra declarou-me certa vez: Uma pessoa tem ou não tem discernimento. Ele não pode ser adquirido por aprendizado”. É algo que Deus nos dá.

Tenho conversado com pessoas que tem problemas de difícil solução. Elas passam horas e horas virando-se na cama, tentando dormir, mas não conseguem, por causa de seus problemas. Algumas vem ao meu gabinete pastoral e ali, no silêncio e na calma, nós conversamos acerca de Deus e de seu amor e cuidado por nós. Primeiro oramos e depois falamos sobre o problema. E muitas vezes, tenho visto o rosto da pessoa se iluminar de alegria ao receber a resposta da oração e a solução de seu problema. Eu diria que Deus lhe deu discernimento. Alguns chamam a isto de “revelação interior”.

Deus também pode revelar-nos sua vontade através de terceiros ou de circunstâncias especiais, através de experiências da História, ou da descoberta de suas leis pelos pesquisadores científicos ou ainda através de sua igreja. E naturalmente, nós descobrimos a vontade de Deus também ao estudarmos a vida e os ensinamentos de Cristo.

Eu possuo um rádio portátil. Quando estou em casa, posso ouvir bem todas as emissoras de Atlanta. Mas, se me afastar um pouco da cidade, o som da estação fica bem fraco. O rádio ainda está ligado na mesma emissora, que ainda transmite na mesma frequência. Fui eu quem me afastei demais. O mesmo acontece com a voz de Deus. Muitos não ouvem sua voz, porque se afastam demais dele.

A certeza de estarmos fazendo a vontade de Deus é nossa melhor arma para combater os temores e preocupações. O grande poeta Dante disse: “Em sua vontade, está a nossa paz”. Render-se à vontade dele elimina a apreensão pelo futuro. Nós sabemos com absoluta certeza que, se nós fizermos a vontade dele hoje, o amanhã será regido pela vontade dele também. E não estou sendo fatalista, pois, como o salmista, eu também posso dizer:

"Jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão" (Sl. 37:35).

Quando nos submetemos à vontade de Deus hoje, o Senhor passa a se responsabilizar pelo nosso futuro.

Resumindo, Jesus nos ensina então que os três primeiros pedidos de nossa oração devem ser feitos com os olhos fixos em Deus. Haverá o momento de apresentarmos nossas necessidades. Jesus nos assegura que é correto orar por nós mesmos, mas antes de podermos apresentar nossos problemas a Deus, ele deve ocupar nossa mente. Só então é que estamos preparados para pedir-lhe bênçãos para nós.

6 - O PÃO NOSSO DE CADA DIA DÁ-NOS HOJE

Há uma divisão bem distinta bem no meio do Pai Nosso. Logo se nota a mudança de pronomes. Nas três primeiras proposições, usamos o pronome na segunda pessoa do singular: teu reino, teu nome, tua vontade. Nas três últimas, porém, o pronome é nós, nós e nosso. Primeiro, pensamos em Deus; e só depois é que podemos ocupar-nos de nós mesmos.

E a primeira petição que o Senhor nos permite fazer em nosso favor é uma que realmente desejamos fazer. É justamente a que devemos fazer, se quisermos sobreviver. “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” engloba todas as nossas necessidades materiais.

Alguns dos pais da Igreja, como Jerônimo, Orígenes e Agostinho, ensinavam que a palavra “pão” ali se referia ao mesmo pão que Jesus mencionou quando disse: “Eu sou o pão da vida”. Eles acreditavam que era errado orar pelas bênçãos materiais. E até hoje alguns apóiam esta idéia.

Mas por que tentar espiritualizar esta frase? Até mesmo um santo precisa se alimentar. Se não ingeríssemos alimento para o sustento de nosso corpo, não poderíamos nem orar. Jesus pregou ao povo; curou os enfermos; perdoou pecados e também usou seu maravilhoso poder para alimentar multidões com o pão material.

Se examinarmos a vida do Senhor, veremos que ele conhecia a luta diária pelo sustento. Ele sabia o significado da pequena oferta da viúva pobre; sabia o que poderia representar a perda de uma moeda valiosa; sabia o que era usar roupas remendadas. Sabia o que era fazer as compras do armazém com cuidado para não sair fora do orçamento.

Mesmo após a sua ressurreição, ele se interessou por alimentos. Nós o vimos acompanhando dois discípulos até em casa, naquele primeiro domingo de páscoa. Ele lhes falou de esperanças, e depois encontrou tempo para sentar-se à mesa com eles. A bíblia diz até que “tomando ele o pão, abençoou-o, e, tendo-o partido, lhes deu” (Lc. 24:30).

Depois nós o encontramos na praia, à luz cinzenta da madrugada

do dia seguinte. Os discípulos tinham estado a pescar a noite toda. Agora estavam voltando, e o Senhor estava preparado para recebê-los. Que iria ele fazer? Uma reunião de oração? Eles precisavam de oração.... Uma poderosa revelação de si mesmo? Eles haviam perdido a fé nele.... Não; ele preparou-lhes uma refeição.

O Cristo ressuscitado, triunfante, preparava um desjejum. Apesar de ter os pés feridos ele andara pela praia pedregosa à procura de gravetos.

Embora suas mãos tivessem sido atravessadas pelos cravos, ele se ocupara em limpar peixe. Ele sabia que aqueles pescadores estariam com fome.

Ele sabe que nós temos que comprar mantimentos, pagar o aluguel ou a prestação da casa, adquirir roupas; sabe que haverá despesas com as crianças na escola e todo tipo de contas para pagar. E não somente isto.

Ele conhece os desejos e necessidades pessoais que temos Além das coisas essenciais. Nós não somos como os irracionais. Por isso desejamos gozar das coisas agradáveis da vida.

Ele sabia melhor do que nós que o corpo e a alma são inseparáveis. Assim como o medo e a preocupação podem afetar o corpo e causar enfermidade, assim também as condições físicas da pessoa podem alterar sua maneira de encarar a vida. sua fé religiosa e sua conduta moral.

O Deus que criou nosso corpo está interessado em nossas necessidades físicas, e espera que nós lhe falemos a respeito delas.

Todos os dias o sol se levanta no horizonte e aquece a terra. Se ele deixasse de brilhar por um minuto que fosse, toda a vida sobre a terra se extinguiria. As chuvas servem para irrigar a terra. A fertilidade se encontra no solo; a vida, nas sementes; o oxigênio, no ar. A providência de Deus está ao nosso redor o tempo todo, em abundância incrível, mas nós encaramos todas essas coisas como sendo corriqueiras.

O Dr. John Whitterspoon foi um grande educador americano e um homem de Deus. Foi um dos que assinaram a Declaração de Independência dos Estados Unidos. Foi diretor da escola que mais tarde viria a ser a Universidade de Princeton. Ele morava a pouco mais de três quilômetros da escola e ia para lá todos os dias em sua caleça.

Certo dia, um vizinho entrou bastante nervoso em seu gabinete e

lhe disse: “Dr. Whiterpoon, eu queria que o Senhor me ajudasse a dar graças a Deus por ter-me salvo a vida. Eu estava rodando em minha charrete hoje de manhã e o cavalo soltou-se e fugiu. A carroça bateu contra as rochas e ficou em pedaços, mas eu sai ileso”.

Ao que o Dr. Whitherspoon respondeu:

“Eu sei de um exemplo mais notável. Eu já rodei por aquela estrada centenas de vezes. Meu cavalo nunca escapuliu; a caleça nunca se quebrou e nem eu fui ferido. A providência de Deus para mim foi muito mais extraordinária do que para você”.

É como diz o poema de Maltbie D. Babcock:

*Por trás do pão está a farinha;
Por trás da farinha, o moinho;
Por trás do moinho, o trigo, a chuva,
O sol e a vontade do Pai.*

Podemos aplicar esta verdade a tudo que possuímos — o carro de que tanto nos orgulhamos, ou a casa em que vivemos, as roupas que usamos. Todos estes bens provém da terra que Deus criou. Ele os colocou ao alcance de nossas mãos, porque sabia que nós iríamos querê-los e apreciá-los. Muito antes de nós nascermos, Deus já havia respondido esta nossa petição de bênçãos materiais. “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” é uma declaração do que ele já fez. Gosto muito daquela história de Jesus no deserto. Mateus conta que havia cinco mil pessoas ali (14:21). Eles estavam famintos e o Senhor desejava vê-los alimentados. Os discípulos fizeram um levantamento da situação, e tudo que puderam encontrar foi o lanche de um rapazinho, que constava de cinco pães e dois peixes.

Eles criam que aquilo era pouco demais para ser levado em conta. Era tão pouco que não adiantava nem tentar. Mas vejamos a atitude de Cristo. ele não reclamou da quantidade; antes, a primeira coisa que fez foi agradecer. Depois, utilizou o que tinha em mãos; ele começou a partir pedaços de pão e distribuí-los.

Para espanto geral, aquele alimento deu para todos. Na verdade,

houve mais do que o necessário, eles recolheram doze cestos cheios de sobras. O povo ficou tão maravilhado, que quis pegá-lo à força e proclamá-lo rei (Jo 6:5-15).

Se nós também começarmos a agradecer a Deus pelo que temos, e passarmos a usar isto da melhor maneira possível, o Senhor nos dará discernimento a respeito de como poderemos multiplicá-lo a fim de satisfazer todas as nossas necessidades, e ainda haver sobra. Nós nos sentiríamos tão venturosos que cairíamos a seus pés para adorá-lo como Senhor e Rei.

7 - PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS ASSIM COMO NÓS TEMOS PERDOADO AOS NOSSOS DEVEDORES

Nesta oração Jesus menciona seis petições. Três delas se referem a Deus, e três delas a nós. Todas as seis são sumamente importantes, mas ele parece dar um enfoque especial a uma delas. Ele não conferiu destaque nem a “Santificado seja o teu nome”, nem a “Venha o teu reino”, nem a “Faça-se a tua vontade assim na terra como no céu”, embora todos estes fatos sejam de grande importância.

Tampouco ele enfatiza nossa necessidade de pão, embora seja verdade que sem o alimento todos perecemos. Mas, depois de apresentar toda a oração, o Senhor resolve destacar uma das petições, e faz um comentário especial a respeito dela. Trata-se da seguinte: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como temos perdoado aos nossos devedores”. O comentário que ele faz é: “Se, porém, não perdoardes aos homens (as suas ofensas), tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas”. (Mt. 6:15)

Não é que Deus somente conceda o perdão na base da permuta. O perdão que damos a outrem não é uma condição para que o perdão divino seja concedido a nós. Antes ele condiciona nossa própria recepção do perdão de Deus. Shakespeare disse: “A misericórdia não pode ser forçada; ela desce suavemente como a chuva fina que cai do céu”. entretanto, é possível, por exemplo, colocar-se sobre uma planta uma cobertura de ferro, e assim impedir que a água da chuva chegue até

ela. do mesmo modo, podemos rodear nosso coração com uma cerca de rancor e assim estaremos impedindo a entrada da misericórdia de Deus.

Uma atitude errada para com outra pessoa pode prejudicá-la ou não, mas é certo que prejudica a nós. O educador americano Booker T. Washington definiu a questão muito bem quando disse: “Nunca permitirei que minha alma seja aviltada pelo ódio”.

Lembro-me de um episódio interessante do Programa de TV “Amos e Andy”.

Havia um homem alto que sempre que encontrava Andy dava-lhe um tapa no peito. Por fim, este ficou cansado daquilo e preparou-lhe uma represália.

“Agora estou preparado”, disse ele a Amos. “Coloquei uma carga de dinamite no bolsinho interno do paletó, e quando ele me der o tapa, sua mão vai explodir”. Ele se esquecera de que o seu coração também explodiria. A dinamite do ódio pode realmente infligir sofrimentos a outrem, mas também destruirá nosso coração.

As palavras “perdão” e “perdoado” são inseparáveis. Estão sempre juntas.

Quando a Rainha Caroline da Inglaterra morreu, Lord Chesterfield disse uma frase muito triste: “Uma mulher que não perdoava, agora morre sem ser perdoada”.

Na cruz, Jesus pronunciou as palavras: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Geralmente quando alguém pratica um ato condenável, sem maldade consciente, nós apenas deploramos o fato. Existe, porém, um motivo mais forte para não guardarmos rancor contra ninguém: “porque nós não sabemos”. Se compreendêssemos as razões que levam cada pessoa a agir como age, nosso julgamento não seria tão rigoroso.

Tendo nós um conhecimento tão limitado uns dos outros, é um pouco temerário nos colocarmos na posição de juizes. A Bíblia diz: “A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor” (Rm. 12:19). É mais sábio deixar o assunto por conta de Deus. Li em algum lugar o seguinte poema:

*Será que Deus abandonou os céus
Deixando a teus cuidados
Julgar entre o que é certo e o que é errado
E o quer e que cada um deve fazer?*

*Creio que ele ainda lá está
E sabe a hora certa de aplicar a vara.
Quando julgares a outros
Lembra-te: tu não és Deus.*

Ele disse que devemos orar assim: “Como nós temos perdoado aos nossos devedores”.

Certo casal foi a um orfanato para tentar adotar uma criança. Havia ali um garotinho que os atraiu muito. Conversavam com ele e lhe falaram das coisas que poderiam dar-lhe. “O que é que você deseja”? Ao que ele respondeu: “Só quero alguém que me ame”.

Isto é o que todo ser humano deseja. No fundo do coração de cada um de nós existe uma grande fome de amor. O problema da solidão é bem mais sério do que pensamos. Entretanto, a maioria das pessoas não é muito fácil de se amar. Em geral, elas tem tantos defeitos; dizem o que não devem e muitas possuem espírito antagônico, quase repulsivo. Contudo, Jesus disse: “Perdoa-nos... como nós temos perdoado aos nossos devedores”. Esta foi a única petição que ele enfatizou e talvez seja esta a mais difícil de fazermos.

“Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas” — débitos, pecados! Qualquer uma destas palavras exprimirá bem o que o Senhor tinha em mente. O vocábulo debito sugere a idéia de um não cumprimento de certas obrigações, que não soa apenas financeiras. Há débitos que resultam de implicações de amizade, de nossa cidadania, etc.

Ofender significa ferir a outrem de algum modo. Nossos conhecidos “nos ofendem” abusando de nosso tempo e de nosso nome ao falarem mal de nós, etc. Podemos ser ofendidos de diversos modos.

A palavra pecado fala de vício e conduta errônea, e vemos muito disso em nossos amigos. Quanto mais observamos os erros de nossos

conhecidos, mais difícil se nos torna dizer esta petição; “Como nós temos perdoado aos nossos devedores”. Muitas vezes dedicamos afeição a certas pessoas, e depois somos tristemente decepcionados por ela.

Às vezes, nos sentimos como Sir Walter Raleigh, que antes de sua morte escreveu à esposa: “Não sei a que amigo encaminhar-te, pois os meus me abandonaram no momento da provação”. Algumas pessoas já foram tão magoadas, que são incapazes de pensar como o poeta Tennyson que disse:

*"Eu sei que é verdade, haja o que houver,
E sinto isto, mesmo em meio ao sofrimento;
É melhor amar e sofrer,
Do que nunca amar".*

Devemos notar, porém, que Jesus disse: “Perdoa-nos as nossas dívidas”.

Ele chama atenção, em primeiro lugar, para nossas próprias dívidas, ofensas e pecados. As faltas dos outros também são encontradas em nós.

Talvez não sejam exatamente as mesmas e podem ser até piores. Ele não disse: “Perdoa-nos se nós pecarmos”. Não existe nenhum se.

Façamos a nós mesmos, com toda a sinceridade, as seguintes perguntas:

“Qual é meu erro mais grave? Isto é, onde é que tenho falhado em meu dever? Que pessoas tenho ofendido? Quais os pecados que tenho cometido?”

Cada um de nós terá suas próprias respostas para estas perguntas. Todos nós erramos.

Entretanto, nossos amigos e conhecidos também terão respostas a estas perguntas. Também eles erram. O importante é sabermos que, se estivermos dispostos a perdôá-los, então poderemos receber perdão de Deus. Quanto a mim, isto me parece mais que justo. O que pensa o leitor?

8 - E NÃO NOS DEIXES CAIR EM TENTAÇÃO

O Senhor nos concede a oportunidade de fazer três pedidos em nosso próprio favor. Um deles refere-se ao presente: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. Outro refere-se ao passado: “Perdoa-nos as nossas dívidas, como nós temos perdoado aos nossos devedores”. O terceiro apresenta uma questão referente ao futuro. Todos nós estamos de acordo quanto à nossa necessidade de pedir o pão e o perdão dos pecados. Todavia muitos discordam quanto a oração que devemos fazer com referência ao amanhã.

Ao contemplarmos o futuro, qual a nossa necessidade mais patente? O que é que mais tememos ou que mais nos causa apreensões? Para alguns são as enfermidades, e por isso suplicam a Deus que os conserve em boa saúde.

Por isso, o homem se interessa tanto por medicina preventiva, e faz seguros contra doenças ou hospitalização. Tememos a pobreza, e por isso procuramos fazer nosso “pé de meia”. Outros temem o sofrimento e se preocupam com a possibilidade de acidentes.

Outras coisas que tememos também são a impopularidade e a crítica, a velhice e a morte. Entretanto, quando Cristo quis ensinar-nos como fazer uma petição concernente ao futuro, ele não mencionou nenhuma destas coisas. A única coisa a respeito da qual ele nos manda orar, com relação ao futuro, é a possibilidade de pecarmos. O único receio que devemos ter realmente é o de que venhamos a cair em tentação.

Contudo, nós encaramos esta petição com respeito ao futuro com menos seriedade do que qualquer uma das outras cinco. Não temos medo das tentações. Pelo contrário, temos tanta confiança em nossa capacidade de dirigir nossa vida, que acabamos fazendo da tentação nossa companheira constante.

Conta-se a história de um velho que fora escravo da bebida mas reformara-se, e, aparentemente, havia superado o vício. Entretanto, toda vez que ia à cidade, ele amarrava o cavalo em um poste que havia bem em frente à taverna. Depois de algum tempo, ele voltou a antiga vida.

Tivesse ele cultivado um salutar temor pela tentação, e teria passado a atar o cabresto em outro poste.

Na maioria das vezes, a tentação começa no pensamento. No recôndito de nossa mente nós dramatizamos ou colocamos em ação os pensamentos. Lemos livros que tratam de impiedade; brincamos com a dinamite das emoções, como se fosse um brinquedo inocente. Nós nos colocamos em situações perigosas e nos deleitamos nelas. Andamos em más companhias. No trabalho ou na diversão, às vezes, ouvimos uma tentadora voz dizer-nos: “Amigo, empresta-me tua alma”! É possível que hesitemos em gastar dez centavos, mesmo estando com o bolso cheio de moedas. No entanto, arriscamos a segurança de nossa alma, embora saibamos que a perda dela é eterna.

Quando se trata de tentação, nossa coragem é pueril.

Jesus não pensa assim. Ele nos ordena que temamos a tentação mais que qualquer outra coisa. Os pontos em que julgamos fortes é que se constituem em fraqueza, pois o excesso de autoconfiança em nossa força nos leva à queda. Tememos nossas fraquezas e somos cuidadosos com elas.

Com nossa força, porém, agimos descuidadamente e é aí que somos derrotados. “Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia”. (2 Co. 10:12)

O que é tentação? Primeiro, é uma instigação para o mal. O terceiro capítulo de gênesis contém a descrição de uma tentação que se repetiu, de uma forma ou de outra, na vida de cada um de nós, descendentes de Adão e Eva.

A serpente disse a Eva: “Foi isso que Deus disse: que vocês não podem comer de nenhuma árvore do jardim?” Ao que ela respondeu: “De todas menos uma. Se comermos dela, morreremos”. Então a serpente retrucou-lhes que se comessem dela não morreriam. “Pelo contrário, se comerem, ficarão mais sábios; terão uma vida melhor, mais livre”.

Então as inclinações naturais de Eva começaram a entrar em choque com sua consciência e bom-senso. Aquela ordem de Deus “Não comerás” estava em conflito com a maravilhosa e tentadora promessa de uma vida melhor. E assim a tentação estava lançada.

Em segundo lugar, uma tentação significa um teste ou provação. Trata-se de uma encruzilhada da vida onde a pessoa tem que decidir que decisão vai tomar, que ação vai escolher, que tipo de caráter vai cultivar.

Pode ser uma mãe que perdeu um filho tragicamente e esta sendo tentada a se tornar rancorosa e amargurada. Ou uma pessoa que enfrenta uma situação difícil e pode ser tentada a fugir através da bebida.

Alguém que está destinado a passar os dias numa cama ou numa cadeira de rodas, pode ser tentado à autopiedade. Quando somos tratados injustamente, logo sentimos-nos tentados a odiar, magoar o ofensor ou guardar rancor. Uma pessoa que enriqueceu de repente é tentada a vaidade e ao amor-próprio. A pessoa que obteve uma alta posição é tentada a lutar para obter mais poder.

Quando menino, Napoleão escreveu uma redação escolar sobre os perigos da ambição desmedida. No entanto, sua própria ambição arruinou-lhe a vida.

Moisés era conhecido pela mansidão. A Bíblia até diz que ele era o homem mais manso da terra (Nm. 12:3). Entretanto, no momento em que tentou se apoderar do poder de Deus batendo na rocha, ele perdeu sua oportunidade de entrar na terra prometida. O ponto alto da personalidade de Simão Pedro era sua coragem impulsiva. Todavia, no momento em que deveria apelar para sua qualidade mais forte, esta lhe faltou, e ele cometeu o terrível erro de negar ao Senhor.

A força do homem se mede pelos seus momentos de maior fraqueza. Todos temos um “Calcanhar de Aquiles”, um ponto vulnerável. Não podemos acabar com a possibilidade da tentação, porque somos dotados com a liberdade de escolha. E como ninguém tem vontade de ferro, todos estamos correndo o perigo de cair. Podemos escolher entre o bem e o mal, entre sermos honestos ou falsos, entre a bravura e a covardia, entre a generosidade e o egoísmo. Nossa própria liberdade de escolha em si já se torna uma tentação.

Muitas pessoas encontram dificuldades para entender esta petição, por sentirem que Deus não quererá mesmo que nenhum de seus filhos caísse em tentação. Ele porém, está interessado na formação de nosso caráter, e para isto concede-nos liberdade de escolha. De outro modo, não passaríamos de simples marionetes.

A vida seria bem mais simples se não tivéssemos tal liberdade. Thomas Huxley declarou certa vez: “Se um ser poderoso se propusesse a fazer-me pensar sempre no que é certo e agir apenas para o bem, mesmo sob a condição de tornar-me um robô, eu aceitaria. A única liberdade que realmente me interessa é a de fazer o que é certo; a de fazer o que é

errado, posso dispensar”. Contudo, a liberdade de fazer uma coisa exige a possibilidade de opção, daí, a tentação.

Deus nos dotou com uma vontade livre, mas o fato de a possuímos deve nos levar a evitar, por todos os meios possíveis, o seu mau uso.

Deveríamos temer qualquer circunstância estranha que pudesse significar uma possibilidade de queda para nós.

Jesus nos adverte nos seguintes termos: “Se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti” (Mt. 5:30). Ele bem poderia estar-se referindo a uma ação literal, pois realmente é melhor perder a mão do que a alma. Entretanto, eu creio que quando ele disse mão, queria dizer a obra das mãos: “Tudo que te vier às mãos para fazer...” . Se o trabalho diário de alguém coloca-o em situações em que será mais tentado, é melhor desistir do emprego à custa de sacrifícios pessoais.

Ele disse também: “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti” (Mt. 5:29). Provavelmente ele desejava referir-se às coisas em que nossos olhos estão fixados, nossos objetivos e ambições.

Uma pessoa pode se preocupar tanto com o sucesso próprio, ou com sua escalada social e material, que chegará a um ponto em que quererá o sucesso a qualquer preço. Se a direção que nossa vida está seguindo implica em perigo para nossa alma, é melhor procurar outra estrada.

“Não nos deixes cair em tentação” é uma petição que nos leva a examinar nossas decisões diárias e a olhar não para nossos alvos, mas para o destino final da estrada em que nos encontramos.

Este pedido pode ser respondido — e é respondido — de diversas maneiras.

Às vezes, é uma intervenção divina direta, ou o que chamamos coincidência. Por que foi que perdemos a oportunidade de obter um certo emprego ou posição? Talvez tenha sido pela providência de Deus. Outras vezes, ele é respondido pelo que chamamos de discernimento interior. É o caso quando, em alguns momentos críticos, sentimos a orientação segura sobre qual é o caminho certo a tomar.

Na maioria das vezes esta petição é respondida pela força interior que Deus dá a todos os que sinceramente a desejam. Há momentos em

que nós nos desesperamos. Parece que nos sentimos emaranhados em uma rede de circunstâncias, seja pela sujeição a um vício, seja pela nossa fraqueza inata. Nestas ocasiões, dizemos: “De que adianta lutar? Não consigo melhorar”. Todavia, quando desejamos sinceramente nos colocar acima das tentações, e buscamos a libertação em Deus, ocorre em nós uma renovação de forças, e um espírito de confiança brota dentro de nós.

Um dos mais sublimes versos da bíblia acha-se meio escondido no pequeno livro de Judas: “Ora, aquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória” (V.24). É então que começamos a compreender que fomos criados para a vitória e não para a derrota; que temos de vencer o mal e não ser derrotados por ele; e, então, triunfantemente, podemos declarar como o apóstolo: “tudo posso naquele que me fortalece” (Fp. 4:13).

A maior mentira que o diabo forjou é a de que não podemos deixar de pecar. “Afinal de contas, você é humano”, diz ele, e com isso lança por terra os nossos altos propósitos de uma vida de santidade. Nós nos rendemos e abandonamos a luta. Mas quando travamos conhecimento com este poder sobre-humano passamos a ver tudo sob um prisma diferente. “Tudo posso naquele que me fortalece”. Esta verdade torna-se de grande poder depois que nós a experimentamos.

Há uma historinha infantil que fala de uma máquina de trem de ferro que ia subindo a serra e dizendo: “Acho que posso; acho que posso; acho que posso”. Quem insiste em dizer: “Não consigo”, ou “Está acima de minhas forças”, nunca conseguirá nada mesmo. Só em dizermos “Tudo posso”, já obtemos forças. E se ainda adicionarmos as palavras: “naquele que me fortalece”, aí então nossas forças se multiplicarão enormemente.

Li recentemente a respeito de um psicólogo que realizou certa experiência. Utilizou um dinamômetro, que dava o resultado em libras.

Pedi a três homens que medissem suas forças. A média dos três ficou em 101 libras (cerca de 45 kg). Depois ele os hipnotizou e disse a cada um: “Você agora está muito fraco”. Sob a influência daquela sugestão, a média das forças caiu de 101 libras para 29 (13 kg).

Com os homens ainda sob hipnose, ele lhes disse: “Agora terão muita força”. E dessa vez, quando eles disseram para si mesmos: “Eu posso”, a média das forças foi cinco vezes maior do que quando

disseram: “Não consigo”.

Analisemos a vida daqueles que chamamos santos, daqueles que obtiveram poder espiritual acima do comum, e descobriremos que o segredo deles estava justamente nisto. Eles cometeram pecados, sim, mas não se renderam ao pecado. Nunca aceitavam uma derrota como sendo definitiva.

Não deixavam de olhar para a frente com toda a confiança. Eles diziam: “Nele, tudo posso”. E a sua força máxima era acrescentada à força do Senhor.

Este mesmo poder se acha à nossa disposição. Se olharmos para trás, talvez vejamos apenas vergonha e derrota, mas eu afirmo que é possível enxergar-se um futuro de paz e vitórias. “Crê somente”. Isto não é apenas um corinho, e fé crista.

Que maravilha a confiança que o Senhor Jesus tem em nós! Lembro-me da velha lenda que narra que, quando Jesus regressou aos céus, um anjo lhe perguntou: “Quem o Senhor deixou lá para continuar a obra”?

Ele respondeu: “Um pequeno grupo de homens e mulheres que me amam”.

“E se eles falharem, quando vier a provação? Tudo o que fizeste ficará sem efeito”?

“Sim”, respondeu o Senhor. “Se eles falharem, tudo o que eu fiz dará em nada”.

“Não há nada que se possa fazer?”

“Não”, disse Jesus. “Nada mais pode ser feito”.

“E então”? perguntou o anjo.

Jesus respondeu-lhe tranquilamente: “Eles não falharão”.

Nós podemos encarar o futuro tendo tal confiança, e declarar triunfantemente: “Teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém”.

E veremos a vitória de Deus tanto no mundo como em nossa vida.

Esta obra foi digitalizada em com base na legislação abaixo, para uso exclusivo de deficientes visuais. Distribuição gratuita.

Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre “Direitos autorais. Alteração, atualização e consolidação da legislação”.

TÍTULO III - Dos direitos do autor.

Capítulo IV - Das limitações aos direitos autorais.

Art. 46 - Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I - A reprodução:

d) De obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema BRAILLE ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários;
